

A Cidade Grega Antiga em Imagens

Um glossário ilustrado



Labeca - Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Marco Antonio Zago

Vice-Reitor: Vahan Agopyan



MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

Diretora: Maria Cristina Oliveira Bruno

Vice-Diretor: Paulo Antonio Dantas De Blasis

Comissão Editorial MAE/USP

Maria Cristina Nicolau Kormikiari Passos (Presidente)

Eduardo Goés Neves

Vagner Carneiro Porto

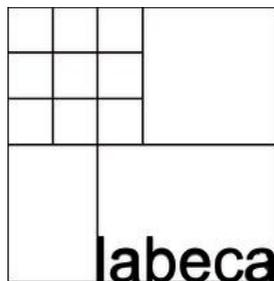
Martha Heloisa Leuba Salum

Sandra Denise dos Santos Ribeiro

Apoio Técnico:

Maria Aparecida dos Santos





Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga
Museu de Arqueologia e Etnologia
Universidade de São Paulo

A CIDADE GREGA ANTIGA EM IMAGENS
Um glossário ilustrado

Maria Beatriz Borba Florenzano

São Paulo
2015

Créditos

Coordenação geral: Maria Beatriz Borba Florenzano

Textos: Maria Beatriz Borba Florenzano com a colaboração de Elaine Farias Veloso Hirata (Espaços dos mortos e dos deuses). Daniela Bessa Puccini (Fontes de água e muralhas); Rodrigo Araújo de Lima (Portos)

Pesquisa Iconográfica: Maria Beatriz Borba Florenzano e Caroline Aparecida Oliveira

Desenhos: Leonardo Hermann Fidelis e Ana Borba (*hóros*)

Diagramação e Arte Final: Caroline Aparecida Oliveira

Florenzano, Maria Beatriz Borba

A cidade grega antiga em imagens : um glossário ilustrado / Maria Beatriz Borba Florenzano ; colaboração Elaine Farias Veloso Hirata, Daniela Bessa Puccini e Rodrigo Araújo de Lima. -- São Paulo : Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (Labeca), Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo : FAPESP, 2015.

63 p. ; il. color.

ISBN:

1. Espaço grego. 2. Cidade antiga. 3. Espaço e sociedade. 4. Polis e espaço.
I. Hirata, Elaine Farias Veloso, colab. II. Puccini, Daniela Bessa, colab. III. Araújo de Lima, Rodrigo, colab. IV. Universidade de São Paulo. Museu de Arqueologia e Etnologia. Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (Labeca). V. Título.

Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga

Museu de Arqueologia e Etnologia da USP

Av. Prof. Almeida Prado, 1466

Cidade Universitária – São Paulo, SP

05508-070 Fone 3091 4905

www.labeca.mae.usp.br

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
VIVENDO NAS CIDADES: OS ESPAÇOS DOS VIVOS	8
<i>A ásty</i>	12
<i>A khóra</i>	22
As casas	26
O trabalho artesanal	32
A gestão da água	34
AS FRONTEIRAS: OS PORTOS E AS MURALHAS	38
O ESPAÇO DOS DEUSES	46
O ESPAÇO DOS MORTOS	52

O MEDITERRÂNEO ANTIGO



INTRODUÇÃO

Este Glossário Ilustrado pretende apresentar ao leitor brasileiro, de um modo fácil e didático, as muitas maneiras em que a sociedade grega da antiguidade se distribuía no espaço, organizando-o de acordo com a sua compreensão do mundo.

Na verdade, é possível até afirmar que a sociedade como um todo, suas hierarquias, o poder exercido por grupos sociais, os costumes, a religiosidade, a diferenciação entre gêneros, enfim, o conjunto do regramento que estrutura a vida de um grupo humano que compartilha um espaço definido, materializa-se no disciplinamento do espaço.

Assim, tudo aquilo que o homem constrói para abrigar suas atividades, a paisagem com a qual interage, o que os urbanistas chamam de “ambiente construído”, incorpora elementos dos sistemas sociais, político, econômico, ideológico, e se constitui em um instrumento da comunicação humana. É um registro importante da história das sociedades, é um artefato histórico.

No estudo da interação entre os ambientes construídos e as pessoas que os produziram, é indispensável tentar revelar quais características dos seres humanos, seja como indivíduos seja como grupos, são relevantes na formatação de um ambiente particular. Em outras palavras, por que meios determinadas práticas ou processos mentais promovem a construção de ambientes específicos. A compreensão desses processos configura-se como uma porta de entrada para o melhor conhecimento de uma sociedade.

Lembremos também que as formas construídas são, em princípio, influenciadas por fatores sócio-culturais complexos, modificados por respostas arquitetônicas a fatores climáticos e a limitações de materiais e de métodos. Por outro lado, o ambiente construído já estruturado proporciona índices para a ação humana, molda o comportamento das pessoas que interagem com ele e, portanto, pode ser considerado uma forma de comunicação não verbal, visual e simbólica. Os ambientes construídos são capazes de facilitar ou de inibir comportamentos latentes e de incluir ou excluir grupos sociais

O objetivo deste glossário é justamente mostrar como estas formas construídas, desde a fabricação de um simples poço para captar água até uma paisagem modificada por plantações, passando pela instalação de casas ou outros edifícios, podem ser reveladores de uma forma de vida, de uma sociedade estruturada.

VIVENDO NA CIDADES: OS ESPAÇOS DOS VIVOS



Os gregos antigos viviam, em sua grande maioria, em assentamentos compostos de dois espaços especializados: uma área mais densamente ocupada (*ásty*), onde estavam localizados, além das casas, edificações de uso público e espaços de reunião, como a ágora e outra de ocupação mais esparsa (*khóra*), onde os campos eram cultivados, a pecuária, a caça, a extração de madeira eram desenvolvidos. Estes dois espaços constituíam a cidade grega antiga, a pólis, e neles os gregos moravam, trabalhavam, cultuavam seus deuses e se encontravam para discutir os assuntos comuns, para disputas esportivas, festividades, enfim, para viver sua vida de uma forma grega. É importante destacar que cidade e campo, não se opunham, mas, ao contrário eram integradas e se sobrepunham. Para os gregos, não havia uma separação entre estas duas partes de seus assentamentos, havia, sim, uma especialização de espaços condicionada por sua visão de mundo. Essa integração de espaços e, por consequência, de pessoas, foi promovida especialmente pela prática religiosa, envolvendo as populações em rituais que reuniam os habitantes, seja nos santuários urbanos ou nos santuários de fronteira (extra-urbanos).



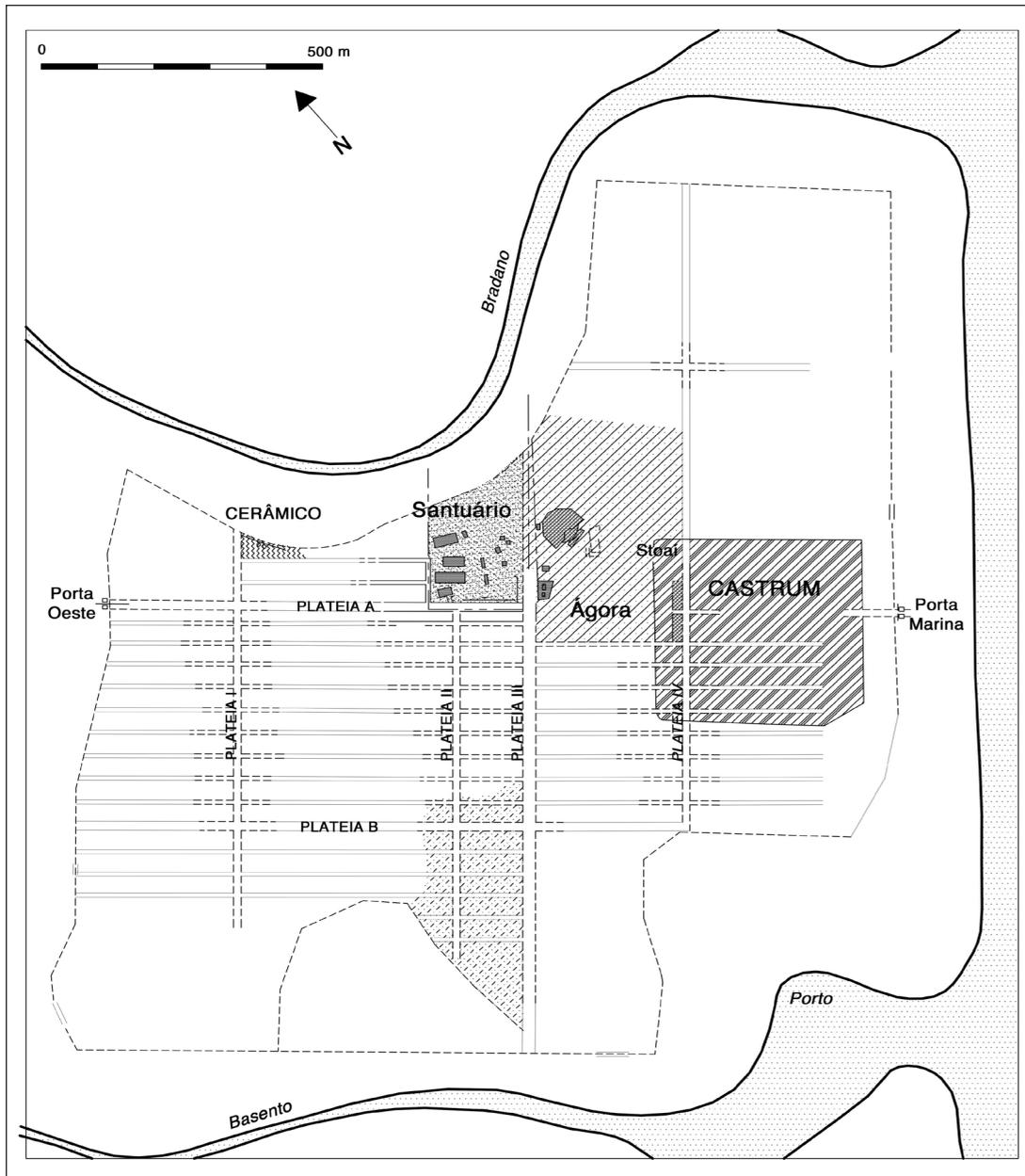
Planta da cidade de Olinto, onde se distingue o assentamento mais antigo com ruas desordenadas e a ampliação da *ásty* em malha ortogonal, ocorrida no século V a.C.. Também se distinguem muralhas que cercavam a *ásty*.

pólis: cidade; comunidade dos cidadãos que se distribui no espaço sobre o qual é soberana politicamente e no interior do qual distingue-se uma área habitacional principal (*ásty*) e o território (*khóra*), sede das atividades produtivas primárias (aquelas agrárias). Na pólis, cidade e território são compartilhados pelos cidadãos livres e suas famílias, pelos escravos e pelos estrangeiros. Do original grego πόλις, εως, (ή).

apoikia: cidade fundada por grupo de imigrantes gregos, sobretudo a partir do século VIII a.C. As apoikias mantinham relação religiosa e moral com as cidades que as haviam fundado mas eram completamente independentes do ponto de vista político e econômico. Do original grego ἀποικία, ας, (ή).

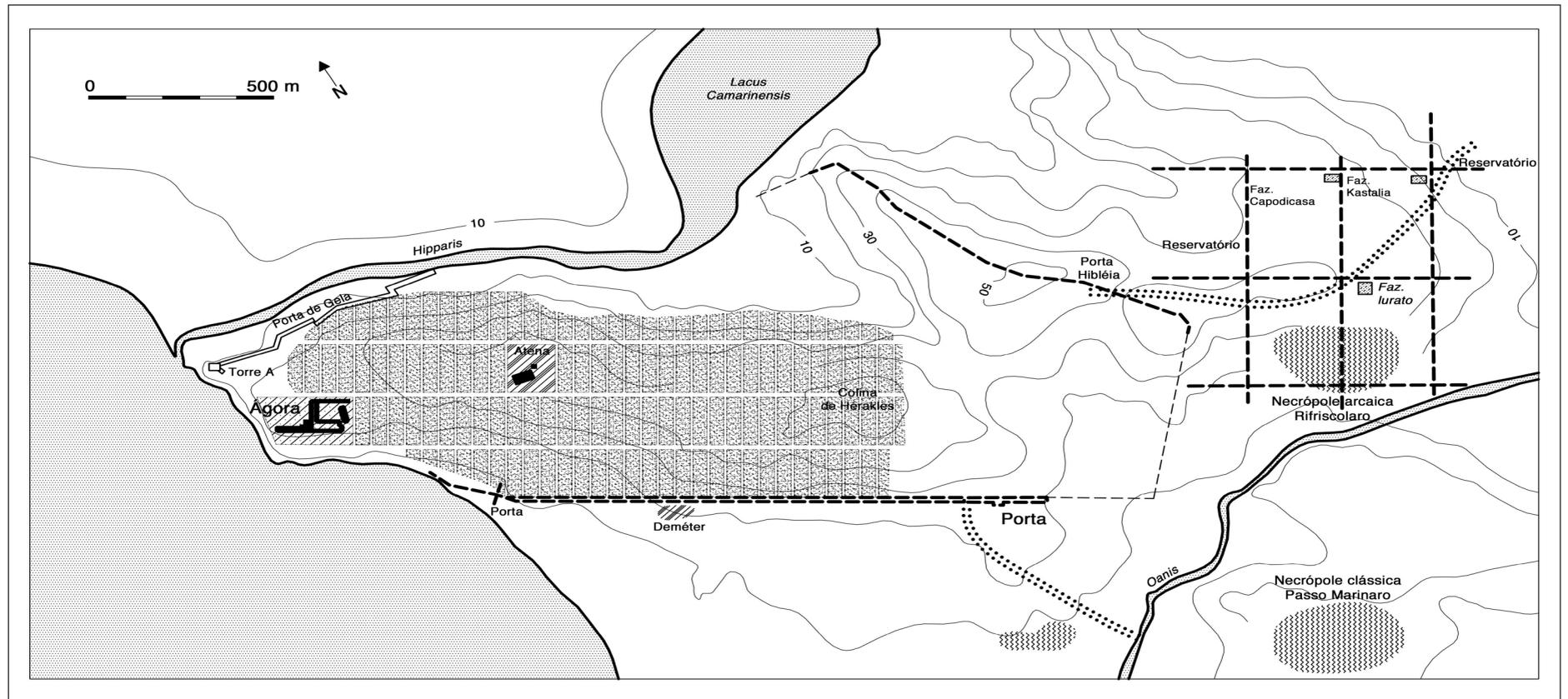
empóriion: (masculino; plural, *empória*) praça de comércio marítimo; daí, cidade situada no litoral, com grande porto e grande atividade comercial. Do original grego ἐμπόριος, α, ον.

éthnos: (masculino; plural *éthne*) formação social cujos membros se reconheciam como etnicamente aparentados; povos com organização política mais fluida do que a pólis. Pólis e *éthne* coexistiram na Grécia antiga até pelo menos o período helenístico. Do grego ἔθνος, εος-ους, (τὸ).



A cidade de Metaponto, localizada no que é hoje o sul da Itália, foi uma apoikia grega instalada em torno do ano de 620 a.C. Nessa instalação, entre dois rios, os gregos dispuseram uma malha urbana regular e ortogonal em que uma área central, pública com santuários e locais para reuniões, era rodeada por quarteirões residenciais.

Todo este conjunto configurando a *ásty* de Metaponto foi cercado por muros com grandes portões que davam acesso à *khóra* da cidade.



Camarina foi uma pólis fundada por Siracusa, na Sicília, no ano de 598 a.C. Situada na costa sul da Sicília, oferecia excelentes condições para a instalação de um porto fluvial, o que se vê no desenho ao lado norte da cidade. A *ásty* de Camarina foi organizada com uma malha urbana ortogonal, com uma área sagrada ao centro, que era ligeiramente mais elevado, e com a *ágora* situada na costa ocidental em proximidade do porto. Em Camarina, como em outras pólis gregas, a *ásty* era também cercada por muros. Os dados arqueológicos mostram que no século IV a.C., também as fazendolas na *khóra* se dispunham ortogonalmente (ver também p. 20).

kóme: (feminino; plural *kómai*) pequena aglomeração habitacional, aldeia, aldeiola. Do grego κώμη, ης (ή).

ásty: (masculino; plural *áste*) a cidade, em contraste com o campo, na pólis; área “urbana” da cidade grega. Do grego ἄστυ, εως (τὸ).

khóra: (feminino; plural *khóraí*) espaço de terra delimitado; na pólis, território; o campo em contraste com a área urbana, local onde eram realizadas atividades produtivas; abrigava, por exemplo, fazendolas, santuários extra-urbanos. Do grego χώρα, ας (ή).

A ÁSTY

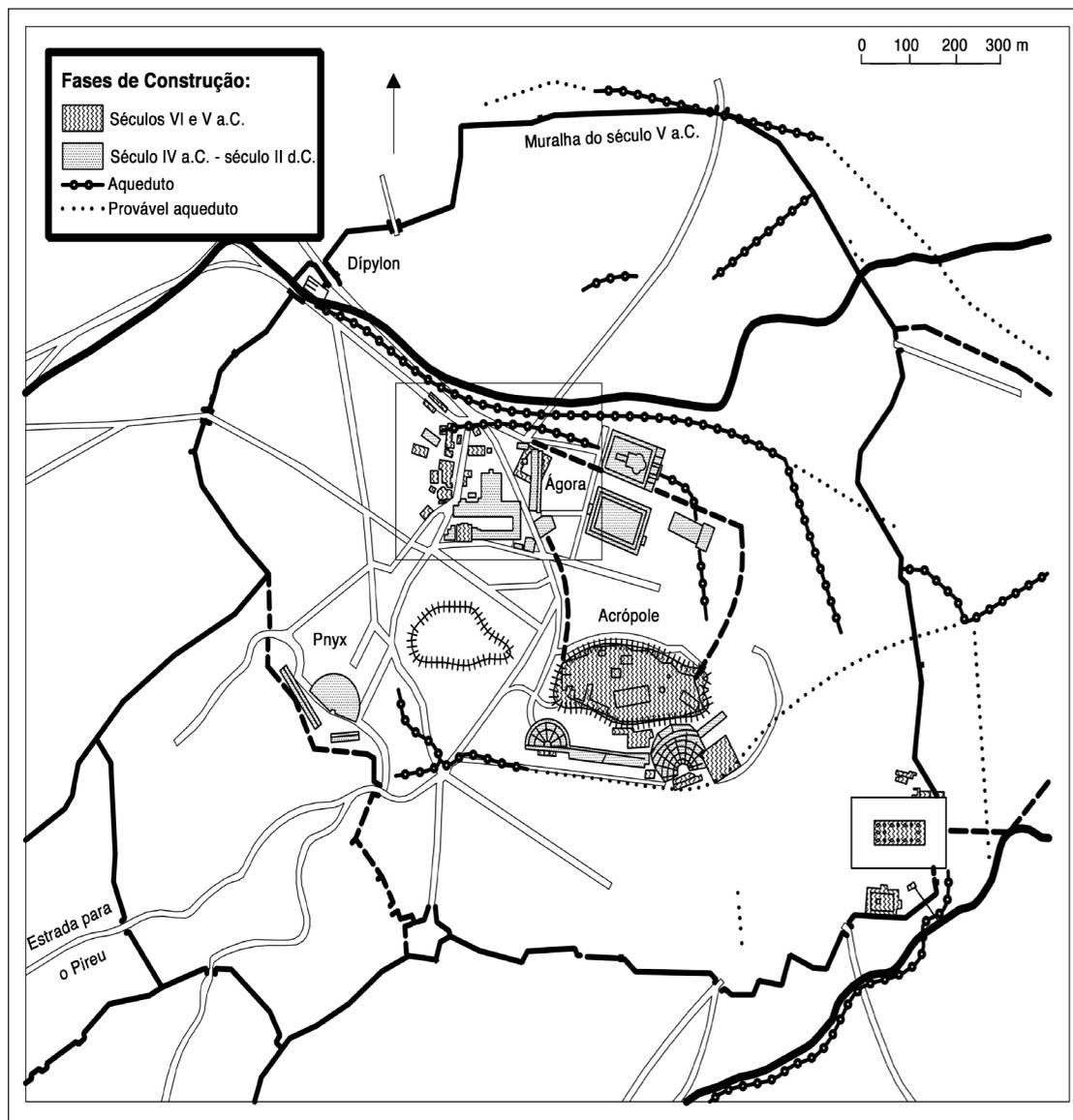
Uma parte significativa dos habitantes das pólis vivia na *ásty*, o centro cívico, no qual estavam localizados os edifícios públicos, os templos das divindades políades – as protetoras daquela pólis –, a *ágora* – o espaço aberto onde os cidadãos se reuniam para debater os assuntos da cidade.

Muitas das funções públicas contavam com espaços especializados, especialmente em época clássica (séculos V e IV a.C.) : o *prítaneu*, o *buleutério*, o *eclesiastério*. Também ficavam na *ásty* os ginásios para o exercício dos cidadãos e os teatros. É interessante notar que em muitas cidades, as funções de *eclesiastério* e de teatro foram absorvidas por um único edifício, com um formato que podia acolher muitas pessoas ao mesmo tempo.

Algumas oficinas artesanais também podiam ficar na *ásty*. Desde que não representassem muito desconforto pela fumaça e cheiros à população. Em muitas pólis, oficinas metalúrgicas ou de cerâmica foram encontradas junto a algum santuário; presume-se que fabricavam oferendas aos deuses que podiam ser adquiridas pelos ofertantes. Em outras cidades, muito populosas, como era o caso de Atenas, um bairro inteiro, nas imediações dos muros, era habitado por ceramistas que ali mesmo fabricavam seus produtos em argila.

Os habitantes da *ásty*, se fossem cidadãos políades, eram também proprietários de terras na *khóra*, onde também possuíam casas e escravos. Mas, na *ásty* também podiam morar os estrangeiros, homens livres que, sem ser cidadãos, dedicavam-se à manufatura de bens e ao comércio.

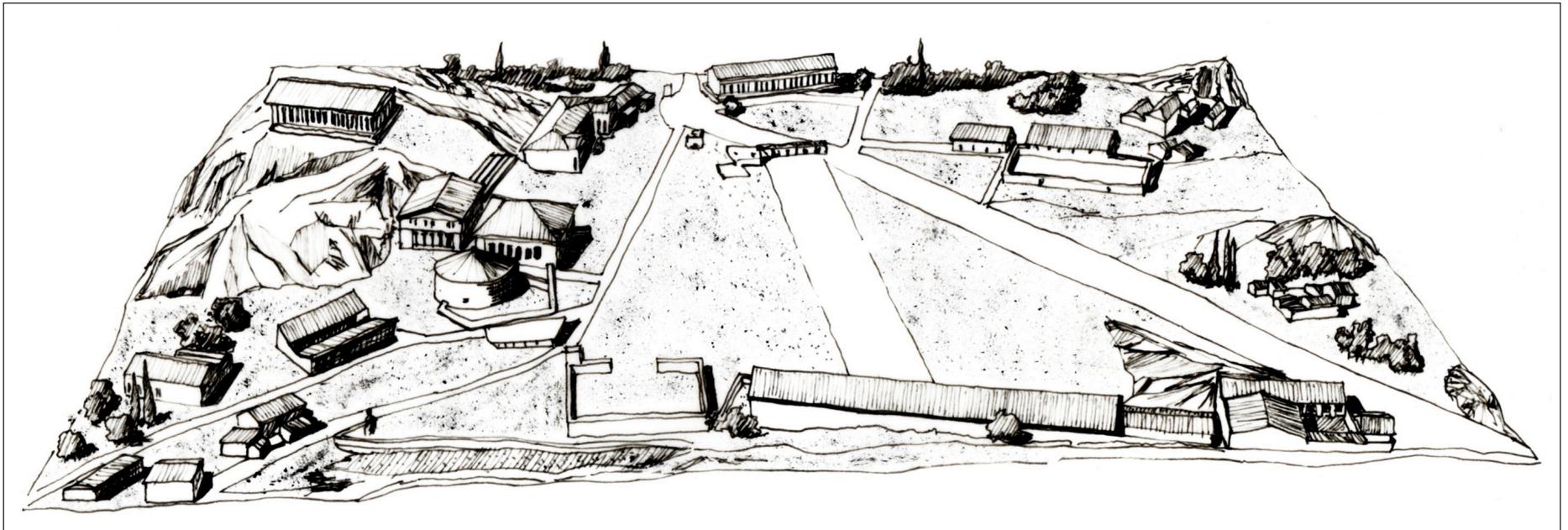
No interior da *ásty*, os vários espaços comunicavam-se por meio de ruas, vias que podiam ser mais largas ou mais estreitas. Uma cidade mais “aberta” fazia com que suas ruas chegassem a todas as partes incluindo quem quer que chegasse. Outras cidades dispunham as ruas de sorte que certos espaços ficassem mais protegidos: praças fechadas, ruas sem saída e assim por diante. Nesses casos usa-se o espaço como estratégia de exclusão.



Planta da *ásty* de Atenas com suas diferentes fases de construção.

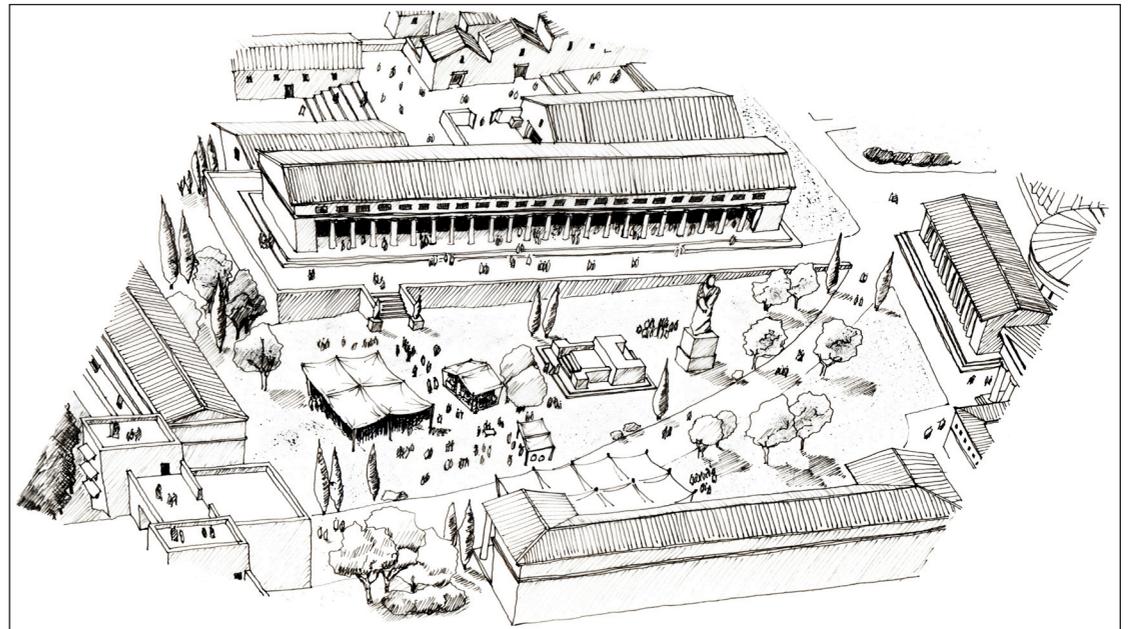
As cidades mais antigas da Grécia, sobretudo aquelas onde houve assentamentos humanos desde os séculos XII e XI a.C., parecem ter organizado o seu espaço de forma irregular, com ruas tortuosas, acompanhando o relevo. São as malhas urbanas chamadas pelos especialistas de orgânicas (em oposição a ortogonal). É o caso de Corinto, Argos e também de Atenas.

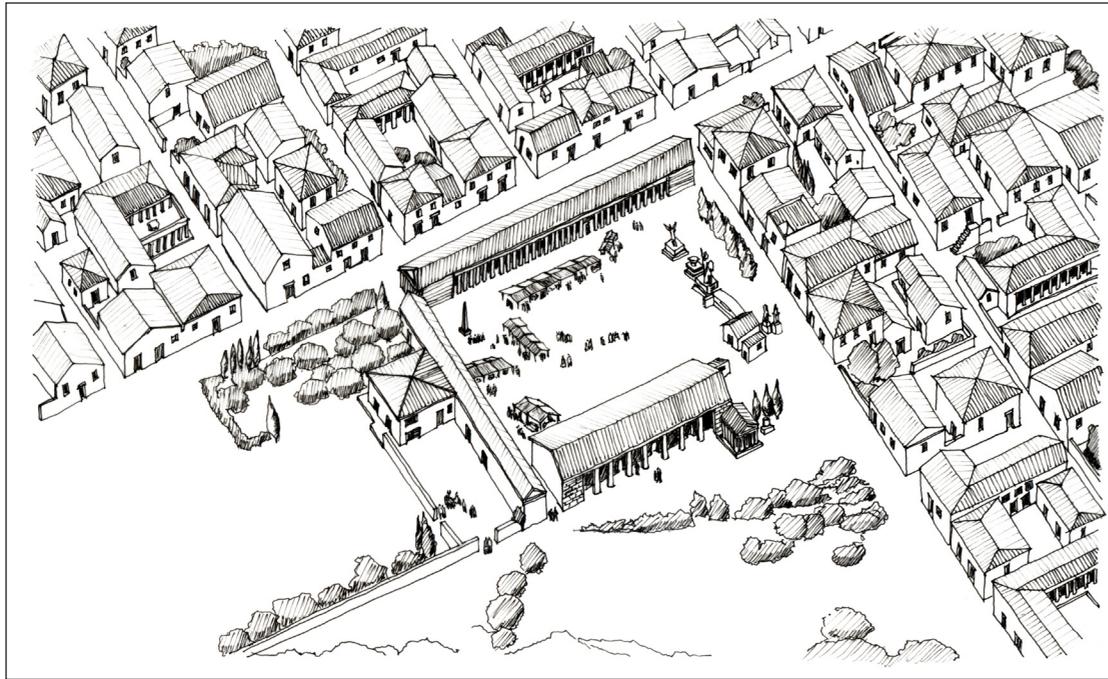
Atenas é uma das antigas cidades gregas melhor documentada: muitos textos antigos foram preservados e a sua *ásty* foi muito explorada pela arqueologia. Muitos espaços públicos foram encontrados bem como foram identificadas as suas várias fases de construção: a acrópole, cidade alta, com seus edifícios dedicados a Atena, a ágora com as construções ligadas à administração da cidade e a Pnyx, o local das assembléias dos cidadãos. Também foram identificados os muros com suas portas conduzindo à *khóra*, entre elas a “porta dupla”, ou Dípylon, que se abria sobre a via que levava ao santuário de Deméter em Eleusis (ver p. 45). A via por onde se chegava ao Porto do Pireu também foi identificada pela arqueologia, com suas muralhas do século V a.C. A arqueologia identificou também muitos aquedutos e canalizações construídos desde o século VI a.C. e que abasteciam a cidade com água.



Ágora de Atenas.

Podemos dizer que a ágora grega desempenhava o papel de uma praça na pólis. Era, portanto, um componente fundamental da estrutura urbana. A ágora na Grécia antiga era um espaço criado como recurso constante para os cidadãos; era um cenário interativo do cotidiano, lugar de conversa, reunião, discussão política. As ágoras das cidades gregas eram organismos vivos que se modificavam de acordo com novas necessidades e novas formas de organizar o cotidiano, a realidade vivida pelas pessoas.

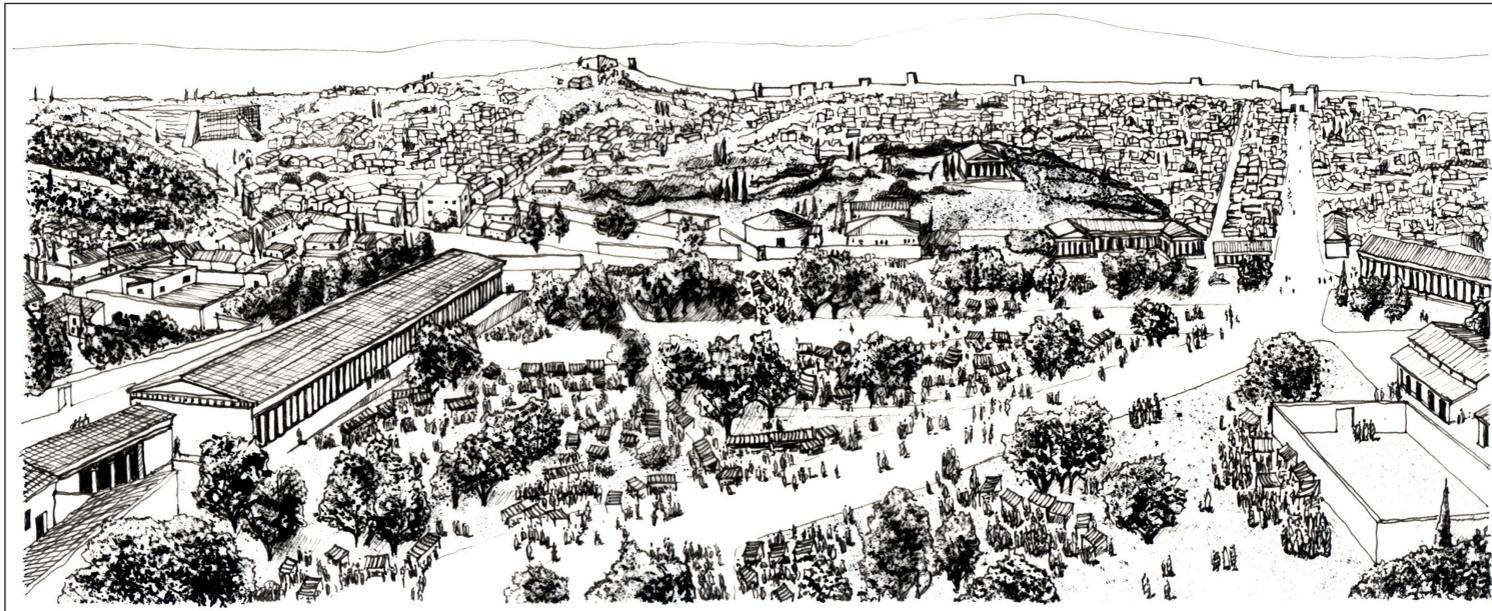


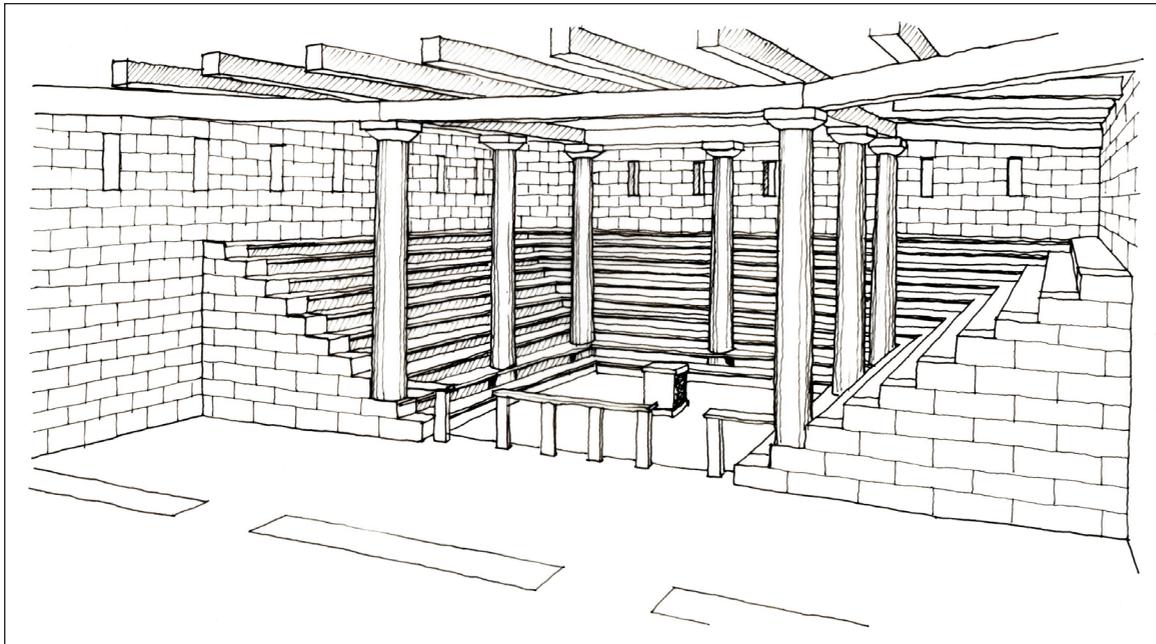


ágora: praça das cidades, que servia de ponto de encontro da população seja para decisões políticas ou judiciais, seja para tomada de decisões da assembleia, seja para trocar bens e mercadorias. Em época helenística e romana, quando as cidades gregas perderam sua autonomia política, as ágoras passaram a ser, em geral, o local do mercado, adquirindo uma conotação sobretudo comercial. A partir do original grego ἀγορά, ἄς (ή).

acrópole: cidade alta; fortaleza; local mais alto das antigas cidades gregas, que servia de cidadela e onde podiam ser construídos santuários, templos, palácios. (de Atenas: Acrópole). A partir do original grego ἀκρόπολις, εως, (ή).

Ágora de Atenas.

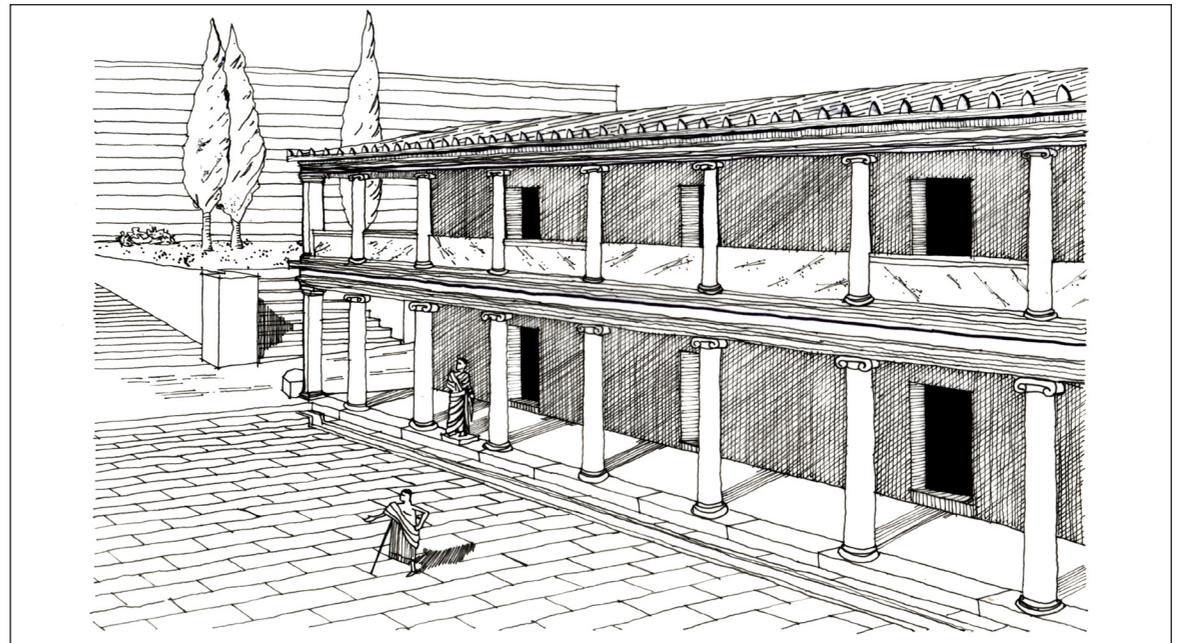


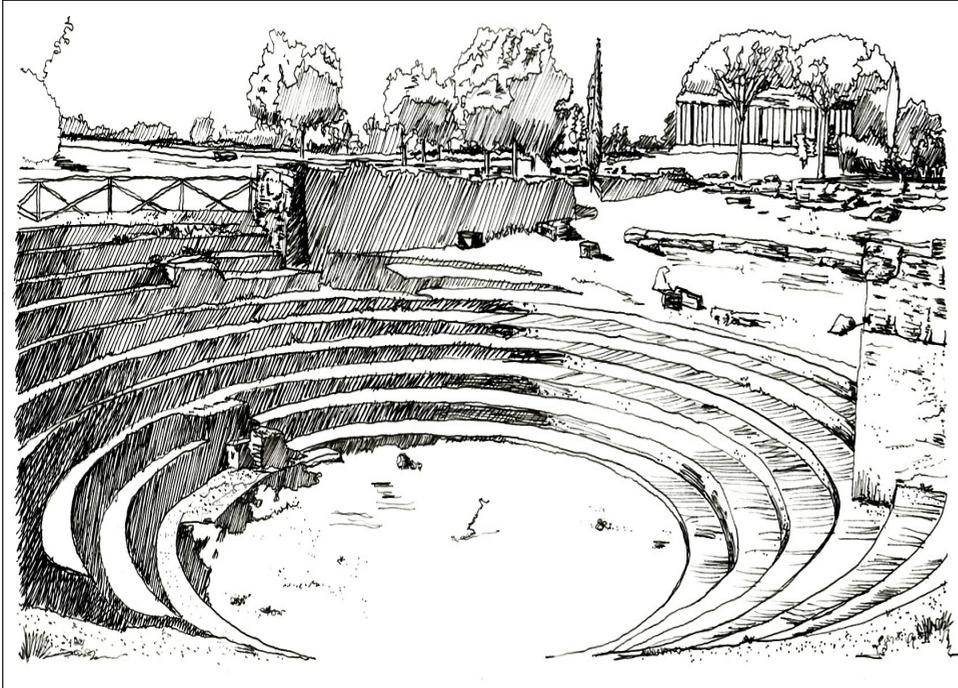


Interior do Buleutério - Priene.

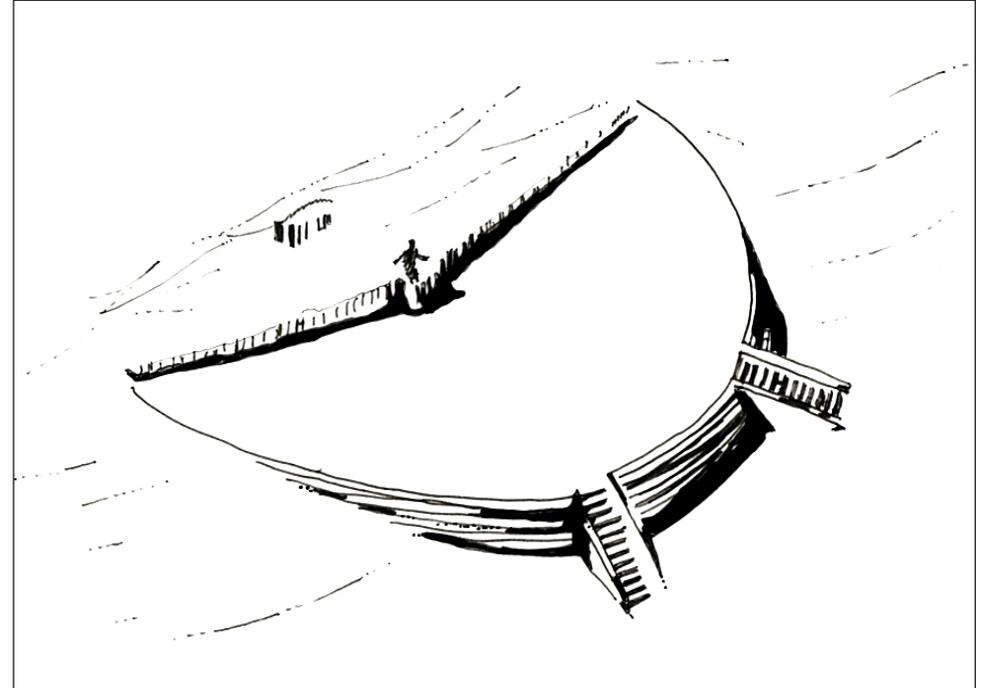
buleutério: edifício que abrigava as reuniões da bulé; tribunal; sala de conselho. A partir do original grego βουλευθήριον, ου (τὸ).

stoá: (feminino; plural, stoái) Pórtico ou galeria com colunada disposto nas áreas urbanizadas da cidade grega. Elemento organizador do espaço desde época arcaica na Grécia. Local de reunião e encontro de pessoas para se abrigar do vento, chuva e sol. Nos santuários, local para reunião e abrigo de peregrinos. Do original grego στοά, ᾶς (ῆ).





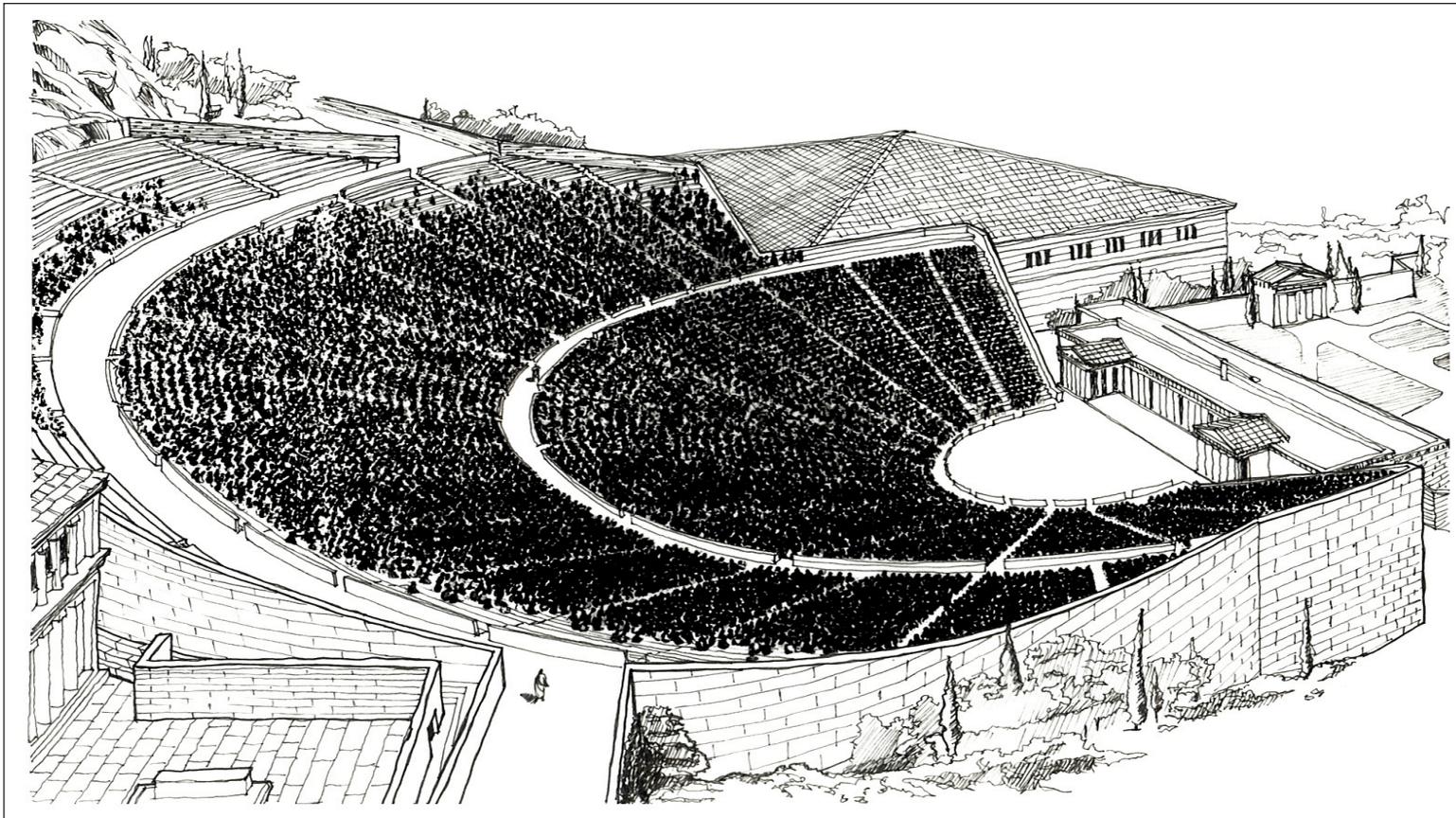
Eclesiastério - Posidônia século V a.C.



Pnyx - Eclesiastério de Atenas século V a.C.

eclesiastério: local da reunião das assembleias do povo. A partir do original grego Εκκλησιαστήριον, ου (τὸ).

pnyx: nome dado ao espaço que recebia a assembleia dos cidadãos atenienses. O orador colocava-se sobre uma plataforma elevada e dirigia a palavra aos participantes da assembleia que se acomodavam morro abaixo.



O grande teatro de Dioniso em Atenas - séc. IV a.C.

teatro: literalmente, em grego, “espaço de ver”, cávea (do latim cavèa, ae, derivado de cavus = oco), arquibancada de teatro. Local onde se acomodavam os que iam assistir às peças teatrais que eram encenadas diante de uma tenda (*skéné*) que servia de cenário e a partir de onde os artistas faziam a sua entrada na orquestra que por sua vez era um espaço circular e onde também o coro fazia a sua evolução. Inicialmente o teatro podia ser apenas uns estrados de madeira (*ikría*), como os que existiram no século VI a.C. na ágora de Atenas ou naquela de Metaponto. Mais tarde, os espectadores começaram a se acomodar como podiam, em encostas rochosas ou em um morro qualquer. Foi apenas na segunda metade do século IV a.C., que este espaço começou a se organizar melhor e a ser revestido por arquibancadas talhadas em pedra. A partir do original grego θέατρον, ου, (τὸ).

ikrion: (masculino; plural, *ikría*) banco (de teatro), estrado, plataforma. Do original grego ἰκρίων, ου, (τὸ).

aguiá: (feminino; plural *aguiái*) rua, rota, via. Em Homero é via na cidade. Do grego ἀγυιά, ἄς (ῆ).

hodós: (feminino, plural *hodói*) caminho, rota, rua. Do grego ὁδός, ου (ῆ).

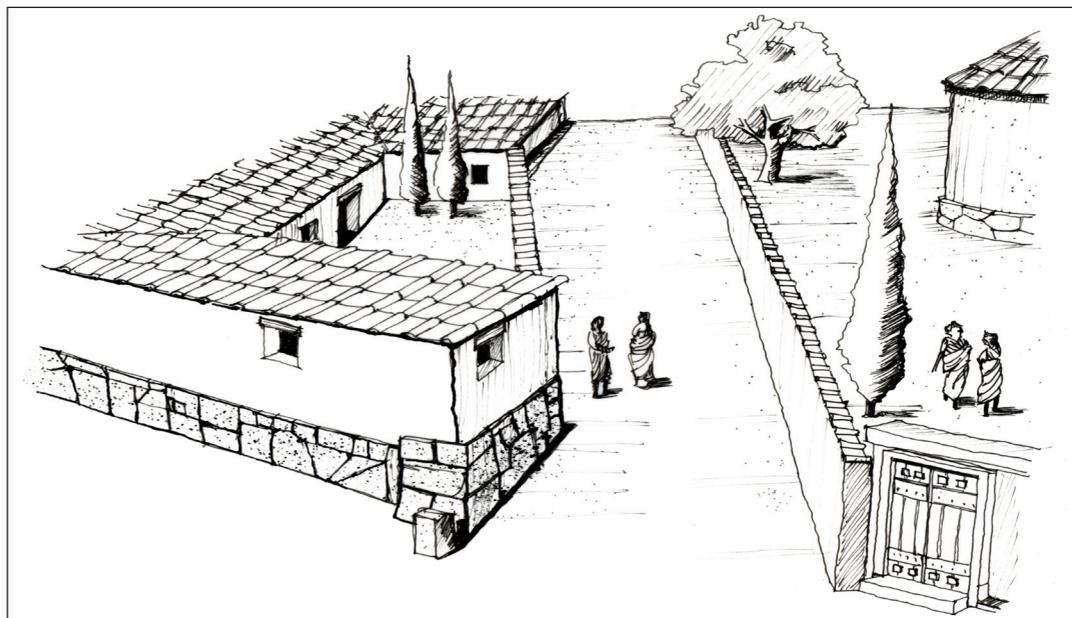
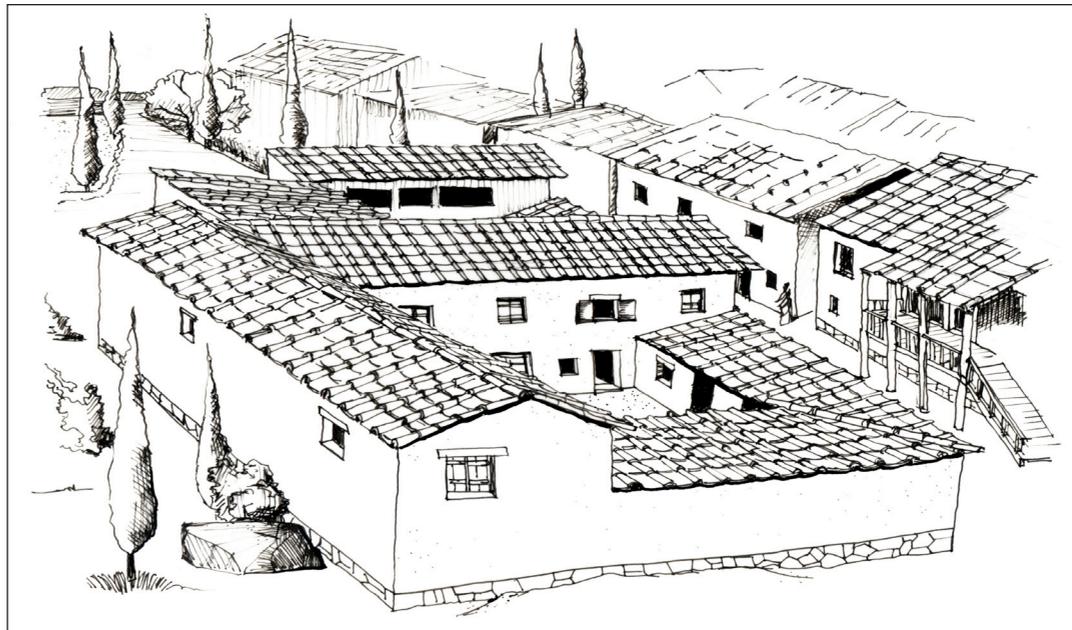
laúra: (feminino; plural *laúrai*) em Homero é corredor dentro da casa. A partir do séc. VI a.C. é rua marginal, para onde se vai sem querer ser visto. Do grego λαύρα, ας (ῆ).

platéia: nome dado às ruas mais largas de uma cidade. Do original grego πλατεῖα, ἴας, (ῆ).

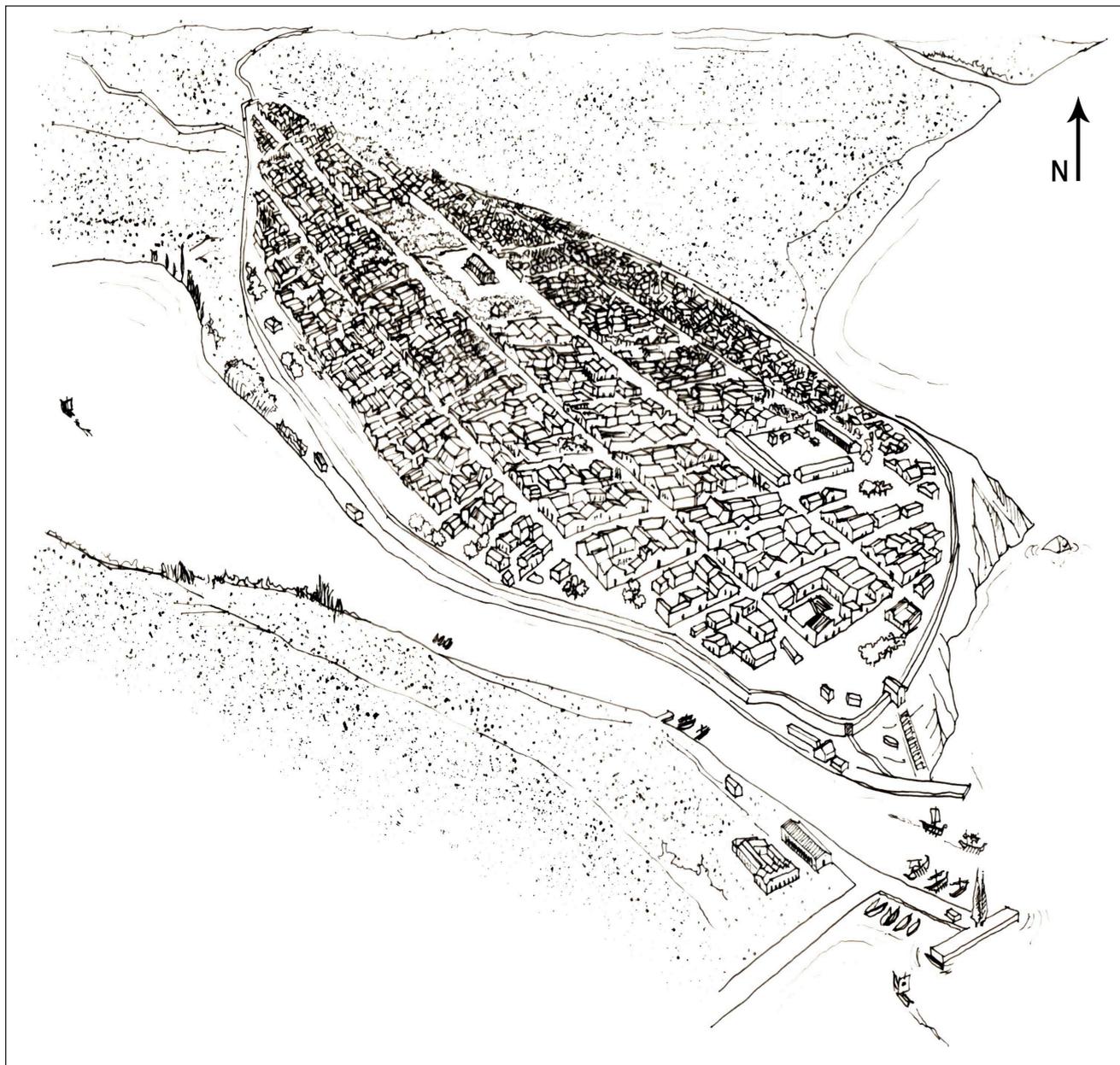
drómos: (masculino; plural *drómoi*) corredor que une um lugar a outro. Na cidade pode ser uma longa e larga rua atravessando a mesma de um lado a outro. (Na origem, lugar para corrida). Do grego δρόμος, ου (ὸ).

estenope: nome dado às ruas mais estreitas de uma cidade. A partir do original grego στενωπός, οὔ (ῆ).

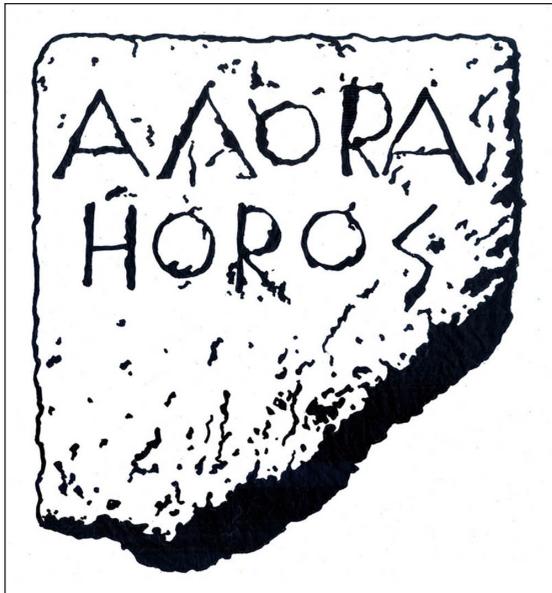
palestra: (feminino) recinto ao ar livre onde se realizavam os exercícios de ginástica pelos jovens. A partir do original grego παλαίστρα, ας (ῆ).



Modelo de casas de cidade.



Representação da *ásty* de uma pólis grega inspirada nos vestígios de Camarina (Sicília), século IV a.C. Neste desenho distinguem-se as praças, a acrópole no centro da cidade com o santuário da deusa Atena, os muros e o porto fluvial (ver também p. 11).



hóros: (masculino; plural *hóroi*) marcador de espaços no terreno, tanto nas áreas urbanas quanto nas rurais. Do grego ὄρος, ou (ὄ).

Na Grécia antiga, a marcação das funcionalidades dos espaços era, com freqüência, feita por meio de pedras entalhadas com inscrições. São os *hóroi*. Propriedades fundiárias, casas, ruas, esquinas e encruzilhadas, praças, edifícios públicos freqüentemente recebiam essas peças demarcando os limites do espaço, designando o tipo de espaço e também indicando mudança de proprietário ou arrendamento de terrenos. Os textos antigos as mencionam e a arqueologia encontrou em muitas partes do mundo grego este tipo de marcador. Assim, muitas vezes nos inteiramos que uma casa passou de um proprietário a outro por um valor específico, que um terreno pertencente ao deus Apolo foi arrendado por tantos anos e por tal valor a uma certa pessoa. Os *hóroi* são documentos preciosos para conhecermos como os espaços na sociedade grega eram organizados, de sorte a atender as hierarquias, a distribuição de funções entre os cidadãos, o regime agrário, o regime de propriedade da terra. Na praça do Pireu, grande bairro portuário da cidade de Atenas, foi encontrado ao menos um *hóros* de designação do espaço, com a inscrição “*hóros* da ágora” (imagem ao lado).

Na cidade de Heracleia, na Magna Grécia, foram encontradas duas lâminas de bronze datadas do século IV a.C. inscritas com um regramento para o arrendamento das terras do santuário de Dioniso e de Atena. Os *hóroi* são mencionados no texto a todo momento nas explicações das divisões do lote e da separação entre as terras privadas e as terras dos deuses Dioniso e da deusa Atena.

“(A cidade) recuperou estas terras e impusemos processos de trinta dias àqueles que haviam se apoderado das terras sagradas. Estas terras recuperadas, foram dadas em arrendamento vitalício por 300 medidas de trigo ao ano e todas as terras de Dioniso por 410 medidas de trigo por ano. Colocaremos os *horói* nos confins. No lado superior, colocaremos um na estrada vicinal que vai para Posidônia, limítrofe à propriedade de Heroda e que marcará a fronteira entre a terra sagrada e a terra privada. Estes *horói* devem ficar longe da nascente para não ficarem submersos na lama como os *horói* precedentes que se perderam. Um outro *horós* colocaremos na estrada carroçável que atravessa o desfiladeiro ao longo dos carvalhos... Colocaremos também *horói* intermediários...” (Uguzzoni; Ghinatti: 1968, 229-231).

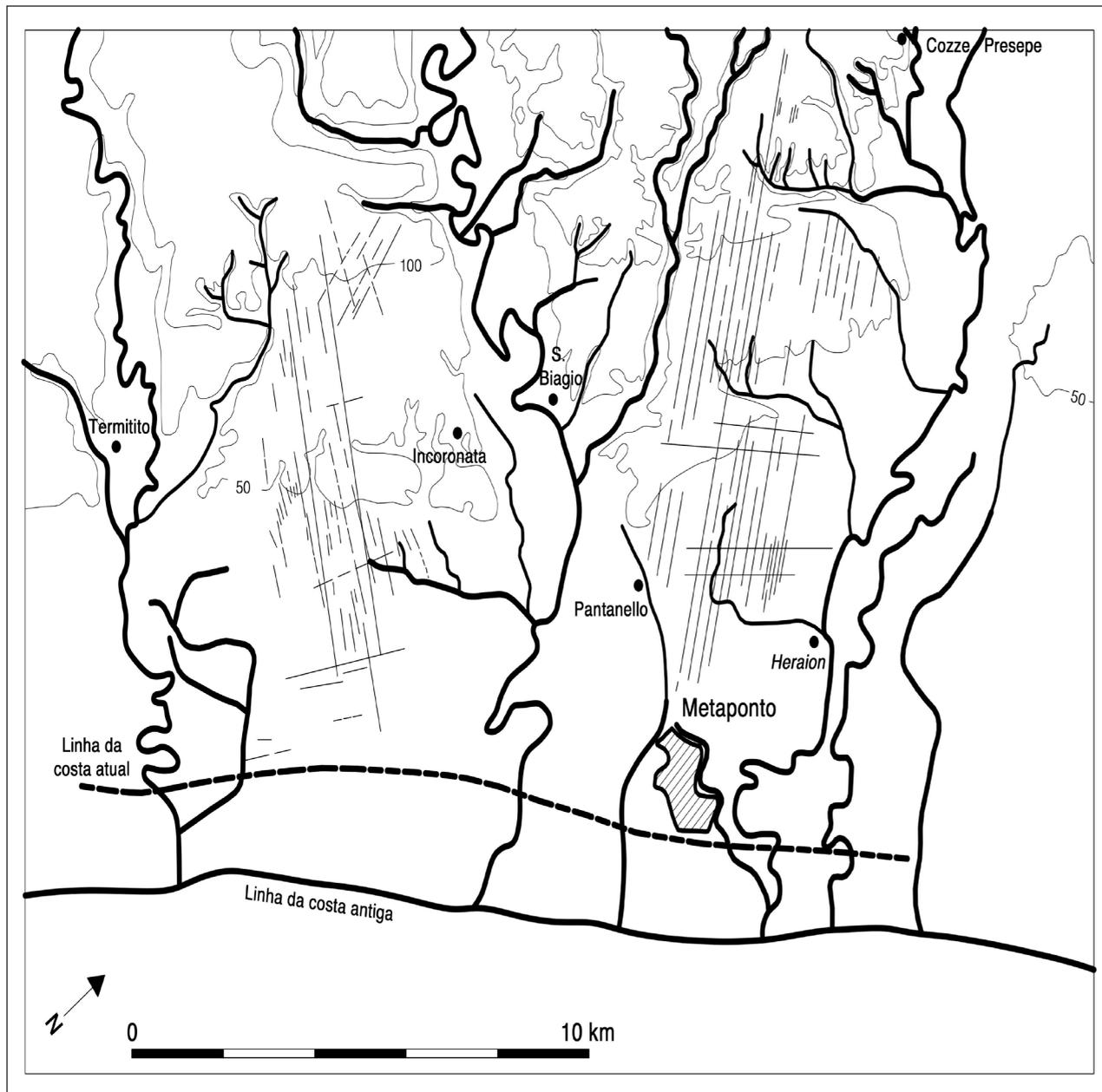
A KHÓRA

Os gregos chamavam de *khóra* aquela área que estendendo-se além das muralhas era basicamente agrícola, onde se plantava extensivamente, onde se criavam os animais, de onde se recolhia a madeira, e onde se processavam as outras matérias primas necessárias à vida em comum. Sua relação com a *ásty* era visceral: os proprietários das terras viviam tanto na *ásty* quanto na *khóra*; assim como os deuses que possuíam santuários irmãos em uma e outra parte, sempre unidos por procissões e rituais comuns. Em muitas pólis, a *khóra* não era apenas “campestre”, mas era ocupada por pequenas (ou grandes) aldeias, com seus cemitérios próprios, com seus santuários próprios e até com seus teatros específicos. Todas essas instalações eram marcas de domínio de uma pólis sobre a sua *khóra*. Na *khóra* também ficavam muitas oficinas artesanais, sobretudo aquelas que pela fumaça dos fornos e pelos cheiros fortes eram colocadas mais distantes de núcleos densamente povoados. As oficinas de cerâmica, por exemplo aquelas que fabricavam grandes jarros e vasilhas de transporte de trigo ou de vinho, localizavam-se com frequência na *khóra* e nas imediações dos portos, onde recebiam seu conteúdo exportável e eram já carregadas nas embarcações.

Na *khóra* se plantava de tudo que era necessário à alimentação, mas os produtos principais eram sempre (como em quase todo o Mediterrâneo) o trigo, a vinha, e a oliveira. As grandes planícies eram áreas preferidas para o plantio do grão, enquanto nas encostas dos morros e montanhas plantava-se a vinha e a oliveira. Vale lembrar que as guerras entre as cidades gregas eram motivadas, em grande parte, pelo controle da *khóra*, área essencial para a sobrevivência das sociedades.

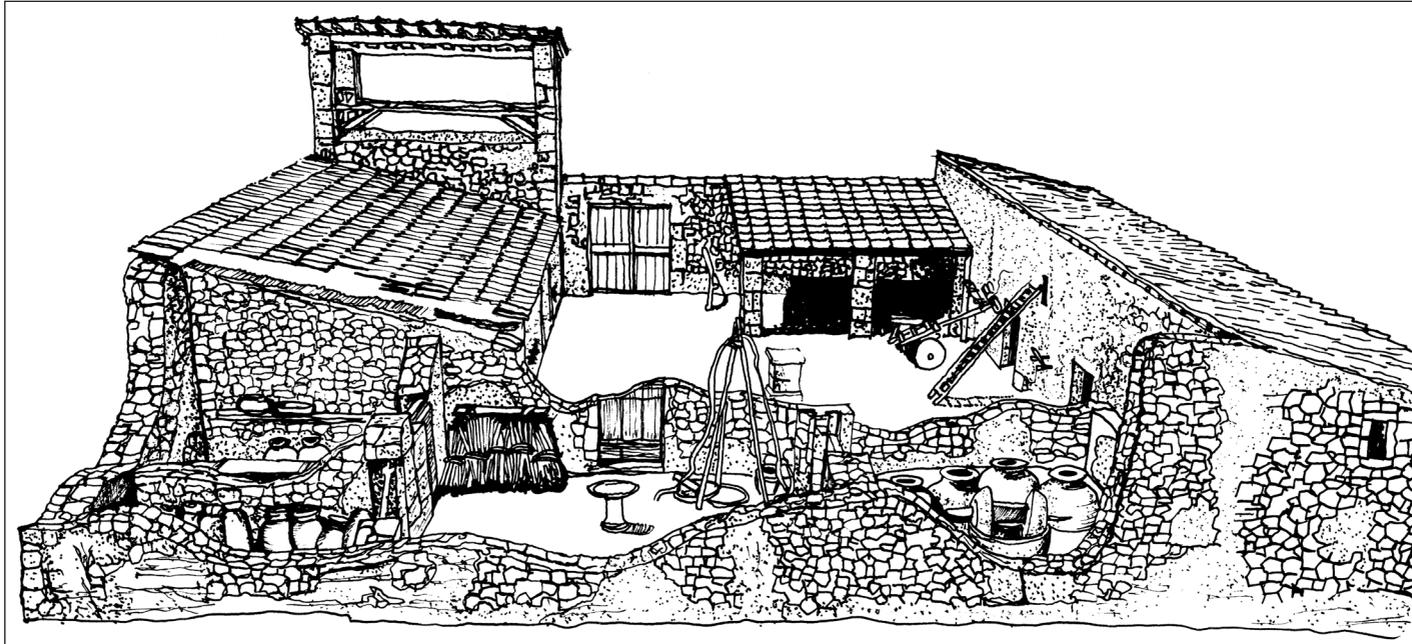
Também na *khóra*, nas pólis que produziam além do que consumiam, construíram-se silos, inclusive subterrâneos, para a preservação das colheitas.

Toda pólis criava um sistema de ligação entre *khóra* e *ásty*, de sorte que a cidade fosse uma só, integrada em todas as suas partes. Caminhos e estradas, regulares ou irregulares, acabavam chegando às portas dos muros, assim como estas portas estavam unidas por vias até os portos, fronteira fluvial ou marítima, das cidades gregas antigas.



Metaponto e sua *khóra*.

A apoikia de Metaponto, fundada por gregos na Itália do sul em aproximadamente 620 a.C. (p. 10) tinha uma *khóra* disposta entre três rios principais e seus afluentes, e que era muito ampla e plana. Ali se praticava a agricultura extensiva de grãos. Toda esta área estava organizada em lotes regulares que se comunicavam por grandes avenidas, que serviam como meio de transporte da produção e de comunicação com o porto. Muitas fazendolas foram encontradas na *khóra* de Metaponto. Também foram encontrados vários santuários (assinalados no mapa) que serviam de integração da população na *khóra* e que também promoviam o contato com as populações não gregas no interior.



Típica casa de fazenda com seu pátio interno duplo, espaços para as ferramentas e para moagem de grãos e armazenamento. Nota-se também uma torre e uma estrutura de poço.

khóra: (feminino; plural *khórai*) espaço de terra delimitado; na pólis, território; o campo em contraste com a área urbana, local onde eram realizadas atividades produtivas; abrigava, por exemplo, fazendolas, santuários extra-urbanos. Do grego χώρα, ας (ή).

éremos khóra: (feminino, singular) território por ocupar; deserto; solitário. Do grego ἔρημος χώρα.

khoríon: (masculino; plural *khoría*) terreno, em geral no campo. Do grego χωρίον, ου (τό).

agrós: (masculino; plural, *agrói*) terra lavradia; campo; campo em contraste com a cidade. Do original grego ἀγρός, οῦ, (ὸ).

eskhatiá: (feminino; plural *eskhatíai*) área na *khóra* localizada nas fronteiras, tradicionalmente vista como de bosques, de minas e agreste e menos produtiva do ponto de vista agrícola. Do grego ἔσχατιά, ἄς (ή).

diáiresis: (feminino; plural *diáireseis*) distribuição, repartição, definição das partes; daí divisão dos lotes em uma fundação de cidade. Do grego διαίρεσις, εως (ή).

gépodon: (masculino; plural *gépeda*) pequena repartição de terreno para uso agrícola e não edificável, nas vizinhanças e talvez em contiguidade com o *oikópedon*. Pode existir *oikópedon* sem *gépodon*, mas não o inverso. O *gépodon* é sempre perto da casa. Do grego γήπεδον, ου (τό).

oikópedon: (masculino; plural *oikópeda*) área de medida padrão, predisposta pela cidade, presumivelmente alinhada a um eixo e na qual é legalmente permitido edificar. Do grego οἰκόπεδον, ου (τό).

kêpos: (masculino; plural *képoi*) área para plantio no terreno da residência; jardim; horta; pomar. Do grego κήπος, ου (ό).

klêros: (masculino; plural, *klêroi*) lote de terra que era distribuído, muitas vezes por sorteio, aos cidadãos de uma nova fundação, uma apoikia ou uma cleruquia. Do original grego κλήρος, ου, (ό).

méros: (masculino; plural *mére*) parte, fração, porção (de terreno, por exemplo). Do grego μέρος, εος-ους (τό).

perioikia: (feminino; plural *perioikíai*) área habitada nas aforas, nas redondezas de uma pólis. Do grego περιοικία, ας (ή).

frúrion: (masculino; plural *frúria*) posto de vigilância; estabelecimento para proteção de território. A partir do original grego φρούριον, ου (τό). Daí phrourós (masculino; plural *phrourói*) guardião. Do grego φρουρός, ου (ό).

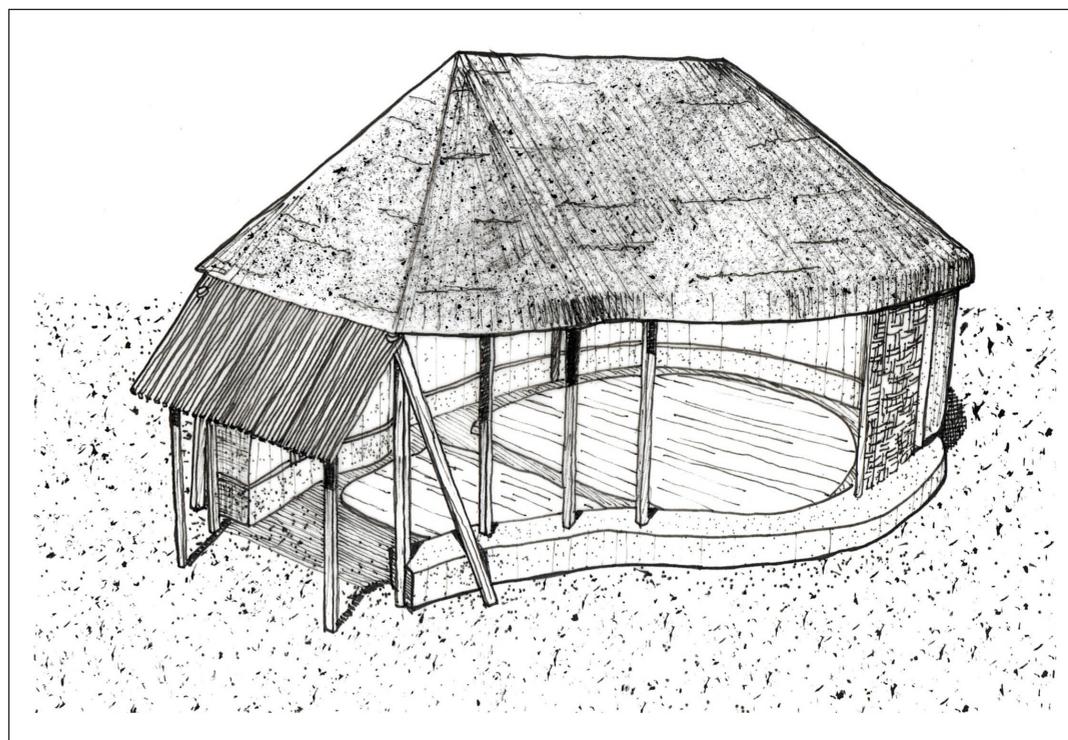
mesogeia: (feminino; plural *mesogeíai*) interior das terras, hinterlândia. Do grego μεσόγεια, ας (ή).

parálios: (feminino; plural *parálioi*) litoral, perto do mar. Do grego παράλιος, ου (ή).

pedíon: (masculino; plural *pedía*) planície. Do grego πεδίον, ου (τό).

AS CASAS

A casa grega é a representante primeira do espaço que chamamos privado. A casa, abrigava as atividades da menor célula social: a família nuclear. Mas, como acontece em todas as sociedades, esta família nuclear teve sua composição alterada muitas vezes na antiguidade grega, fator que se relaciona diretamente a mudanças sociais e que tem reflexo nas várias formas de especialização do espaço no interior das casas. Famílias que incorporam pais e filhos; famílias que incorporam escravos e outros serviçais; famílias que incorporam avós e familiares mais desamparados. Famílias mais ricas, famílias mais modestas. Ainda que seja difícil uma sistematização única para todo o mundo grego, é possível afirmar que no alto arcaísmo, nos séculos IX e VIII a.C, foi comum um modelo de casa de forma absidal, ou seja, uma forma basicamente retangular com um dos lados menores arredondado. Dispondo de poucas ou nenhuma repartição interna, este modelo de casa revela um espaço único, abrigado das intempéries, para o desenvolvimento de muitos tipos de atividades. Algumas vezes até sepultamentos de mortos foram realizados no interior dessas “casas”. Já entre os séculos VIII e VII a.C., muitas casas passaram a ser retangulares e com mais repartições internas onde se nota já o delineamento de uma especialização do espaço: lugar para cozinhar, lugar para dormir, lugar para ficar e assim por diante.

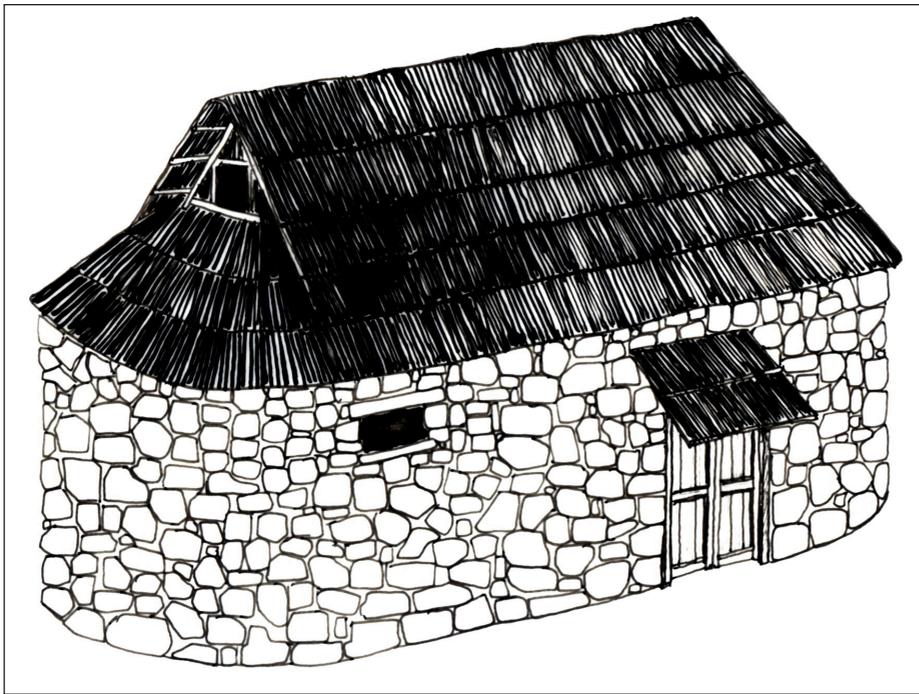


Modelo de casa absidal, do século VIII a.C. e encontrada em muitas regiões da Grécia. Notar a falta de especialização dos espaços internos.

Interior de casa absidal (século VIII a.C.)
com um local de dormir em andar superior.



Reconstituição de casa absidal, parte externa.



Em época clássica e helenística (séculos V ao III a.C.), as casas com espaços femininos e com espaços masculinos, com espaços de trabalho e com espaços para lojas e com pátios internos a céu aberto para as atividades ao ar livre no verão, passam a predominar. Um modelo comum é a casa com *pastás*, pequeno pórtico aberto dentro do pátio interno e que fazia a transição desse espaço para os ambientes mais recolhidos e internos das casas. Muitas casas na cidade incluíam também uma área não edificada que servia para plantar árvores frutíferas, criar algum animal pequeno, instalar uma horta. Nas casas da *khóra*, é muito comum encontrar pátios internos bem grandes onde se guardavam as ferramentas e animais de trabalho no campo; onde se processavam as colheitas e armazenava-se a produção: óleo, grãos, frutas. Muitas tinham torres com vários andares que serviam como silos ou mesmo como lugar para estar, cardar e fiar a lã, fabricar as cestas e assim por diante.

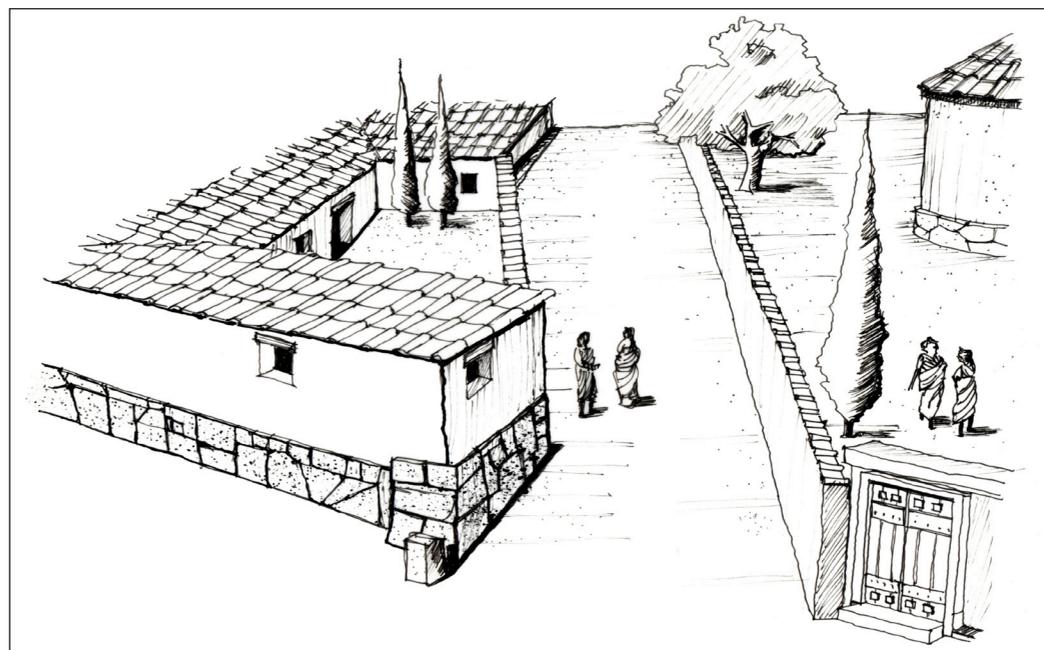
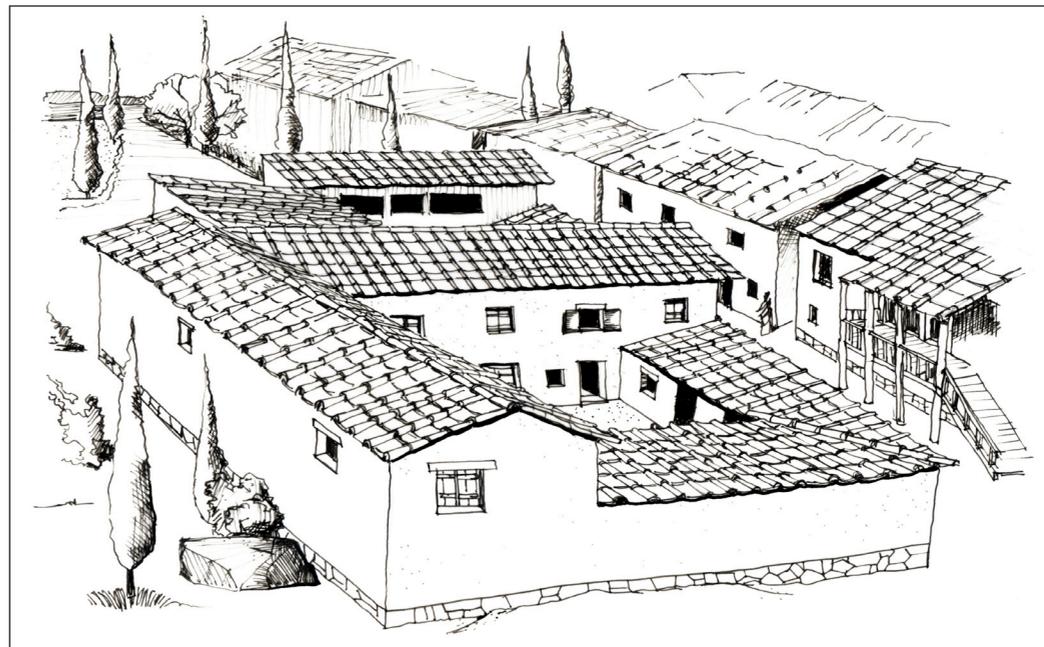
andrón: (masculino; plural *andrônes*) parte da casa grega destinada às atividades masculinas. Do grego ἀνδρών, ὠνος (ὸ).

aulé: (feminino; plural *aulái*) pátio interno aberto que fazia a comunicação com os vários cômodos e partes das casas gregas antigas. Do grego αυλή, ἥς (ἡ).

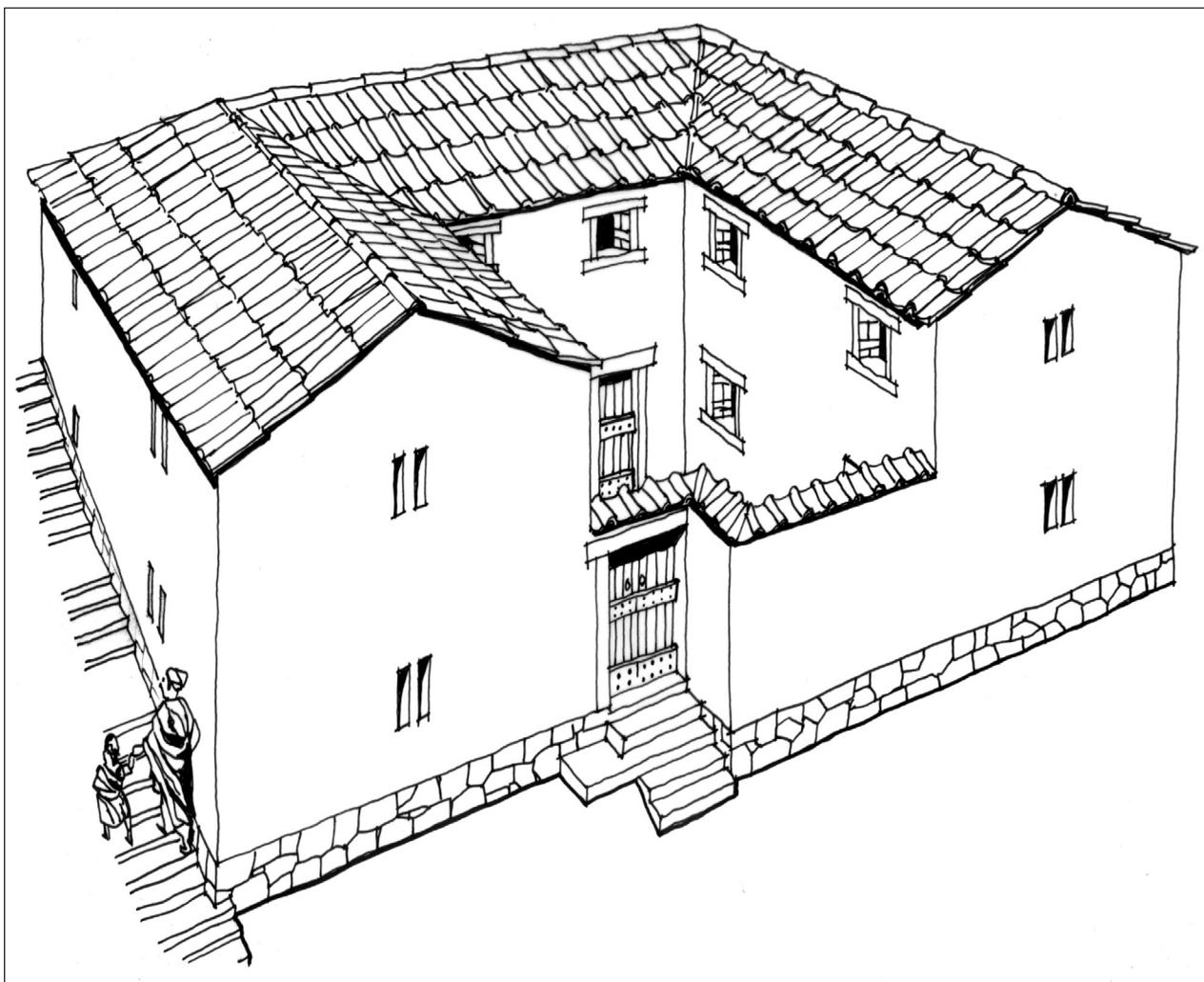
gynaikonîtis: (feminino; plural *gynaikonîtides*) gineceu; na casa grega o lugar de vivência das mulheres. Do grego γυναικωνίτις, ἰδος, (ἡ).

klísion: (masculino; plural *klísia*) casa muito modesta; cabana; habitações dos escravos. Do grego κλίσιον, ου (τὸ).

mégaron: (masculino; plural *mégara*) grande sala, sala principal a partir de onde se abrem os outros cômodos em um palácio ou em uma casa. Do grego μέγαρον, ου (τὸ).



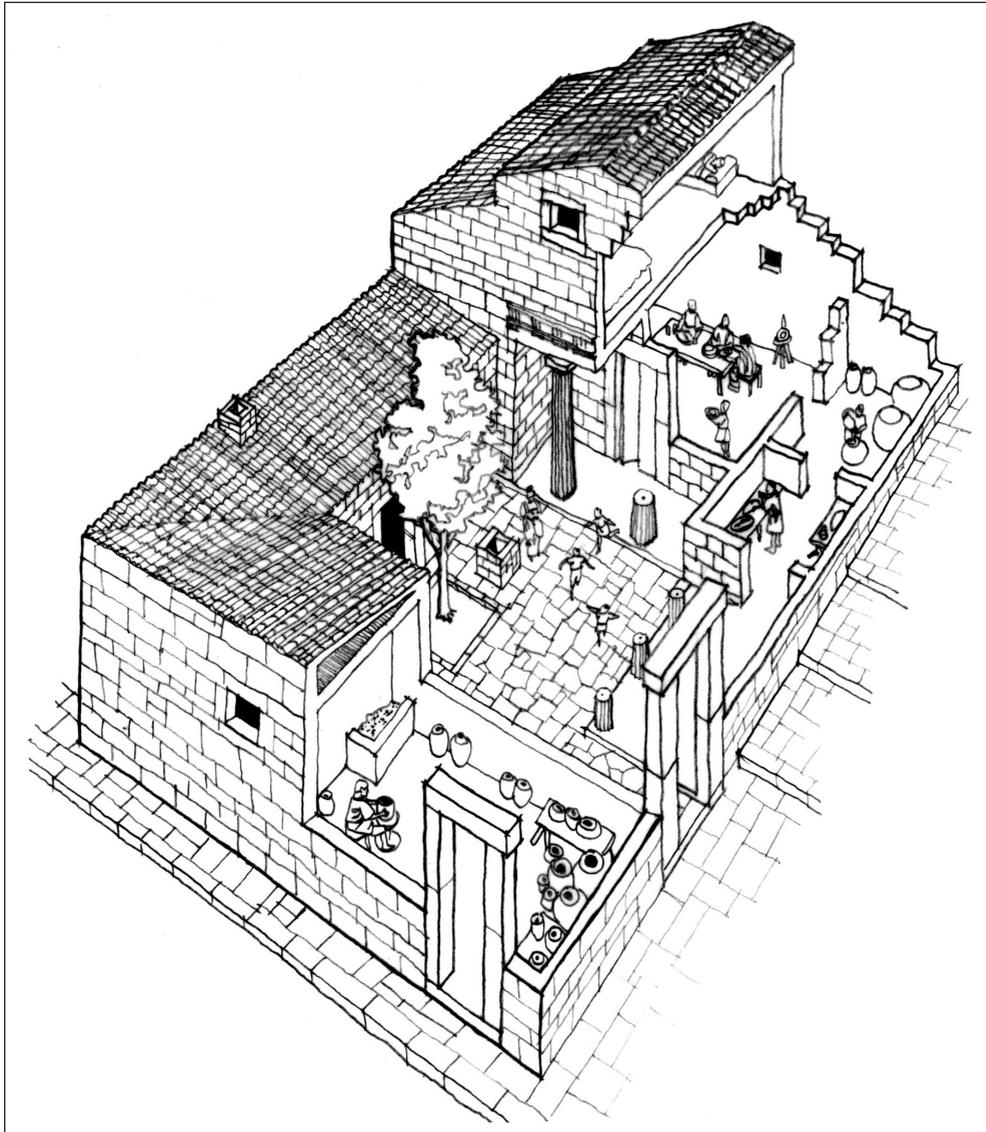
Modelo de casas de cidade.



Casa grega de cidade, com seu pequeno pátio interno, poucas janelas dando para a rua, dois andares e telhado de telhas a duas águas.

oîko: (masculino; plural oîkos) casa; unidade social e econômica na Grécia Antiga constituída pelos bens móveis e imóveis: a família, os escravos, a casa, as terras, as ferramentas, o mobiliário. A partir do original grego οἶκος, ou (ὀ). Obs.: Na bibliografia arqueológica da primeira metade do século XX, a palavra *oikos* é utilizada para definir o lugar na casa grega antiga onde se lidava com água (cozinha, sala de banho, etc.).

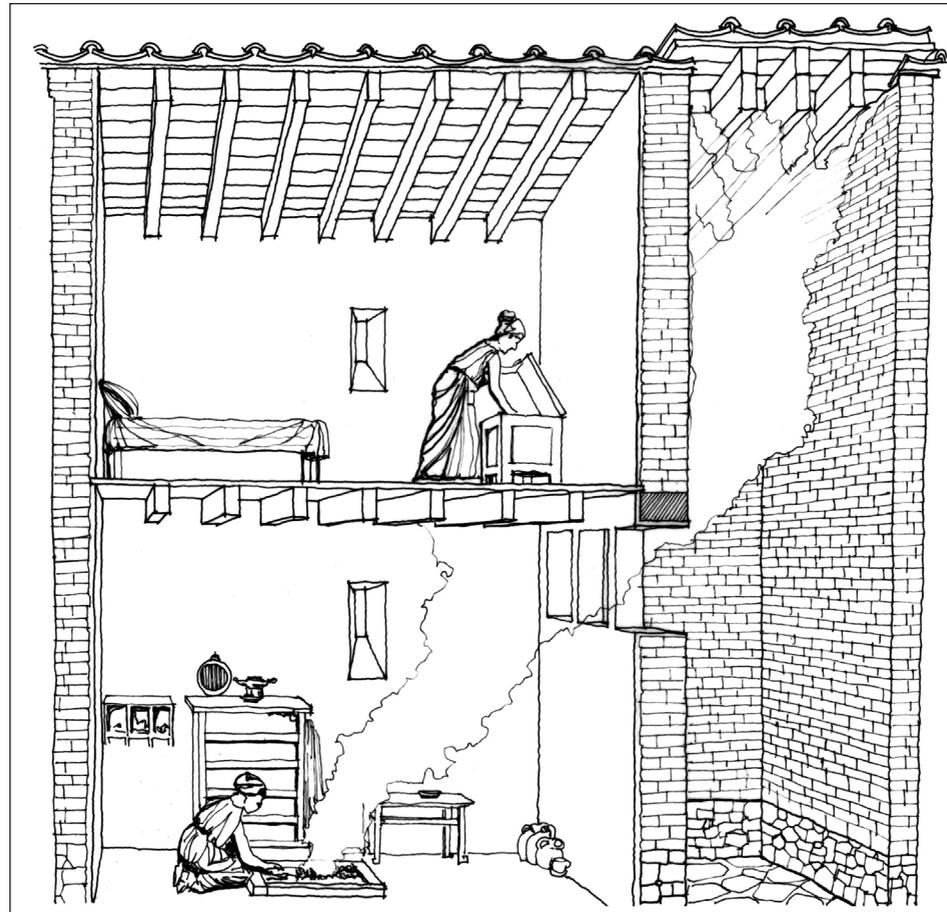
pastás: (feminino; plural *pastádes*) pórtico, por vezes decorado com mosaicos, sustentado por colunas que rodeia o pátio interno (*aulê*) das casas gregas. Do grego παστάς, ἄδος (ή).



Interior de uma casa grega de cidade, com uma oficina de cerâmica com porta para o exterior, pátio interno com poço, área da cozinha e armazenamento de mantimentos, área para refeições e um segundo andar para dormir.

Construir casas e inserí-las na paisagem urbana tornou-se para os gregos de época clássica (séculos V e IV a.C.) um objeto de reflexão. Não se tratava apenas de ir construindo desordenadamente espaços para morar, era preciso pensar qual a melhor maneira de construir estes espaços. Xenofonte, no século IV a.C., assim explica essa “melhor maneira”:

“Quem quiser ter uma casa como convém deve se preocupar de fazê-la muito agradável para se viver e muito cômoda. Não é agradável de tê-la fresca no verão e aquecida no inverno? Não é exatamente nas casas orientadas para o sul que durante o inverno o sol inunda os pórticos e que durante o verão o sol, passando acima de nossas cabeças e acima dos telhados, nos traz sombra? Se assim deve ser, é preciso, portanto, construir as partes que se orientam para o sul mais altas para que recebam o sol de inverno e mais baixas aquelas que se abrem ao norte para que não fiquem sujeitas aos golpes de vento gelado.” (Xenofonte, *Memoráveis*, III, 8 e ss.).



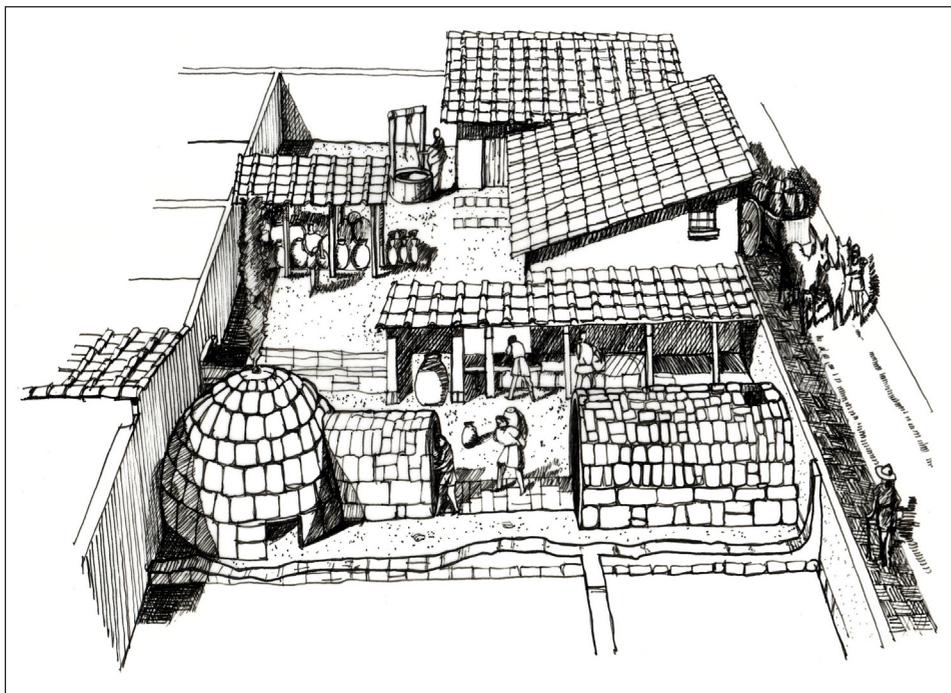
Interior de casa em que se mostra a área para cozinhar com chaminé e um segundo andar com área para dormir.

Do mesmo parecer é Aristóteles:

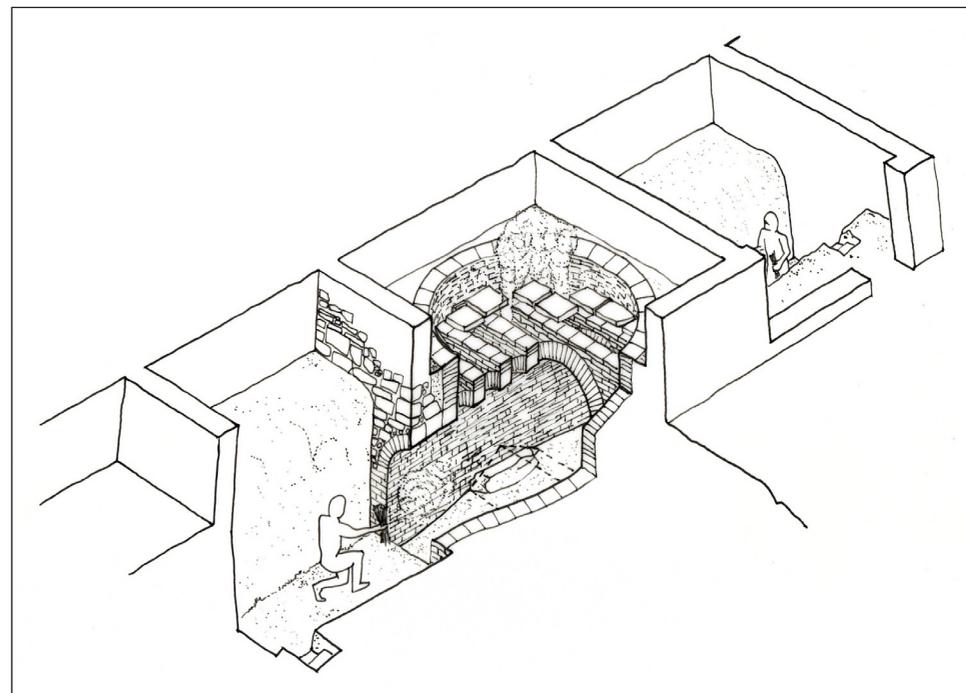
“Visando o bem estar e a saúde, a casa deve ser bem arejada no verão e bem ensolarada no inverno. Isto é possível quando as casas estão protegidas ao norte e a parte sul e a norte não são da mesma altura e tamanho.” (Aristóteles, *Econômico*, 1,6,7).

O TRABALHO ARTESANAL

As oficinas artesanais colocavam um problema específico para o antigo grego: fabricar peças de cerâmica, modelar o vidro, talhar a pedra, serrar a madeira, fabricar objetos de metal, moer o grão, prensar as azeitonas, pisar a uva são atividades sujas, que geram muita escória, muita poeira e, quando fornos são empregados, geram odores e fumaça. Assim, em uma sociedade mais complexa como a grega em que eventualmente são produzidas grandes quantidades de objetos em matérias primas variadas, era necessária a criação de locais específicos para a manufatura. A arqueologia encontra com frequência, por exemplo, setores ou bairros inteiros produtores de peças de cerâmica, evidenciados pela presença de vestígios de fornos e de escórias. É interessante notar que o posicionamento destes bairros na polis é muito variado. Por vezes estão dentro dos muros da polis em um local recuado em relação aos edifícios principais, outras vezes localizam-se na *khóra*, na vizinhança dos portos, por exemplo, e ainda outras vezes, foram identificados fornos de cerâmica (até mais de dois ou três) no interior de um santuário importante da pólis. Quando a produção era mais local e restrita, oficinas e locais de trabalho eram instaladas até dentro de casa. Muitas casas no campo, por exemplo, possuíam sua própria pedra de prensar azeitonas ou seu forno de cerâmica ou ainda seus implementos de fabricação do vinho para consumo pessoal. Interessante é também lembrar a existência de oficinas itinerantes, sobretudo de artesãos do metal, cuja especialização era muito elevada e, portanto, levavam seu saber de um lado a outro. Todos esses dados são aportados pela arqueologia, mostrando a organização social do trabalho, as relações estabelecidas entre os artesãos e o restante da população da cidade (ver também p. 10 localização do Cerâmico na *ásty* de Metaponto).



Modelo de oficina com grande produção de vasilhas de cerâmica, com dois fornos.



Modelo de forno de cerâmica.

cerâmico: na cidade grega, local onde se concentram as oficinas de oleiros; bairro ao norte de Atenas, assim chamado por causa das olarias que lá existiam; a região abrigava uma necrópole, conhecida como “Cemitério do Cerâmico”. Quando a produção cerâmica era muito volumosa em uma cidade, o cerâmico era localizado nas aforas, afim de proteger as residências da fumaça dos fornos e dos odores. Em muitas cidades foram encontradas oficinas cerâmicas nas áreas centrais e até mesmo no interior de áreas sagradas. Imagina-se que estas serviriam para fabricar peças aos que vinham oferece-las às divindades cultuadas no local. A partir do original grego κεραμεικός, οὔ (ὄ).

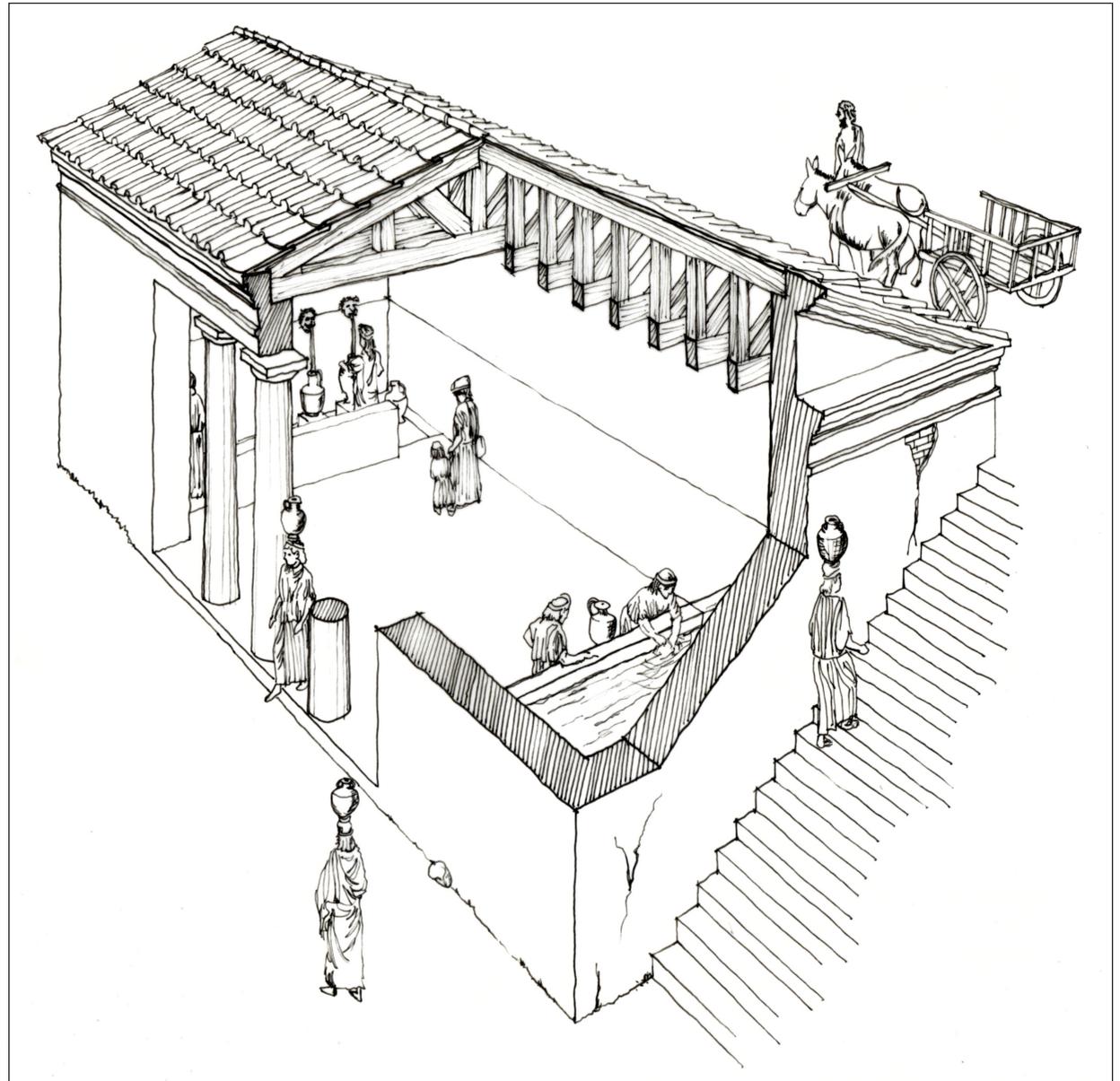
baunos / baunós: (masculino; plural *baunoi*) Forno de queima; fornalha; forja. Do grego: βαῦνος, ου (ὄ) / βαυνός, ου (ὄ).

kerameion: (masculino; plural *kerameia*) oficina cerâmica. Do grego: κεραμεῖον, ου (τὸ).

A GESTÃO DA ÁGUA

Viver em grupo, implantar uma cidade, criar estruturas edificadas que abriguem as atividades humanas, depende de muitos fatores: afora a topografia adequada, clima compatível, qualidade do terreno e da vegetação, acesso a vias de comunicação, a presença de fontes de água é fator indispensável. A água necessária à vida, deve ser, porém, “domada”: deve ser captada, conduzida para onde ela é necessária e deve ser escoada quando as chuvas ou enchentes de rios são volumosos ou quando ela já está suja pelo uso. Os gregos antigos lidaram com a água de muitas maneiras: perfuraram poços; construíram cisternas; fabricaram canalizações em forma de aqueduto, de canais ao longo de ruas ou com manilhamento subterrâneos; criaram bombas e moinhos movidos à água; construíram fontes.

Reconstituição de uma fonte urbana com bicas para a recolha de água e com pequena cisterna para o uso público da água.



krene: (feminino; plural *krenai*) Fonte. Na Antiguidade, a questão do abastecimento de água estava no centro de preocupações da cidade. Desde o século VII a.C. a administração pública das pólis procurou soluções diversas para o suprimento hídrico. Enquanto nas casas providenciavam-se poços e cisternas pluviais para suprir as necessidades privadas, em âmbito público construíam-se fontes, cisternas e aquedutos para conduzir água limpa e canalizações (mesmo a céu aberto) para escoar a água usada. As fontes, muitas vezes foram monumentalizadas, especialmente pelos tiranos, e compunham o complexo arquitetônico dos centros urbanos. O formato mais simples era o das fontes a jato d'água, compostas por um simples orifício de onde jorrava a água e que muitas vezes era adornado por um prótomo ou por uma cabeça de animal fazendo com que a água jorrasse de sua boca. Estas fontes podiam ser construídas diretamente na parede de um edifício, ou mesmo encostadas a uma rocha, recebendo a água canalizada de uma nascente ou de cisternas. Essa forma foi aperfeiçoada, recebendo uma bacia dentro da qual escoava a água de uma ou mais cisternas, que eram alimentadas por água pluvial, por aquedutos subterrâneos, geralmente escavados em galerias, ou mesmo pela canalização de uma nascente. Na imagem da página 34, observamos as duas formas arquitetônicas de fontes, protegidas no interior de um edifício com cobertura suspensa por uma colunata. Do original grego κρήνη, ης (ή).

Eneacrunos: nove fontes; a nascente das fontes. Fonte da primitiva cidade de Atenas; Pisístrato mandou construir uma fonte de onde a água jorrava por nove bocas, daí o nome Eneacrunos. A partir do original grego ἐννεάκρουνος, ος, ον; ἡ ἐννεάκρουνος (a fonte de nove bocas).

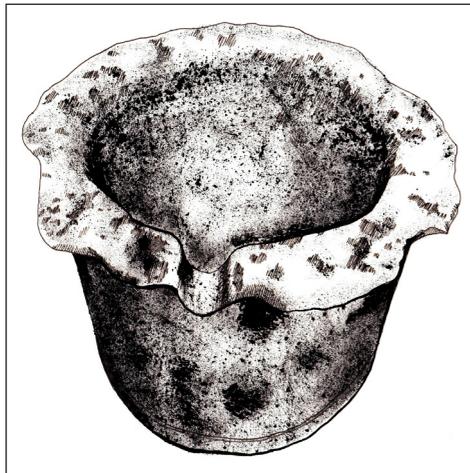
frear: (masculino; plural *fréata*) Poço artificial; cisterna; reservatório. Do grego: φρέαρ, ατος (τό).

freatía: (feminino; plural) Aqueduto; condutor d'água, tanque, cisterna. Do grego: φρεατία, (ή).

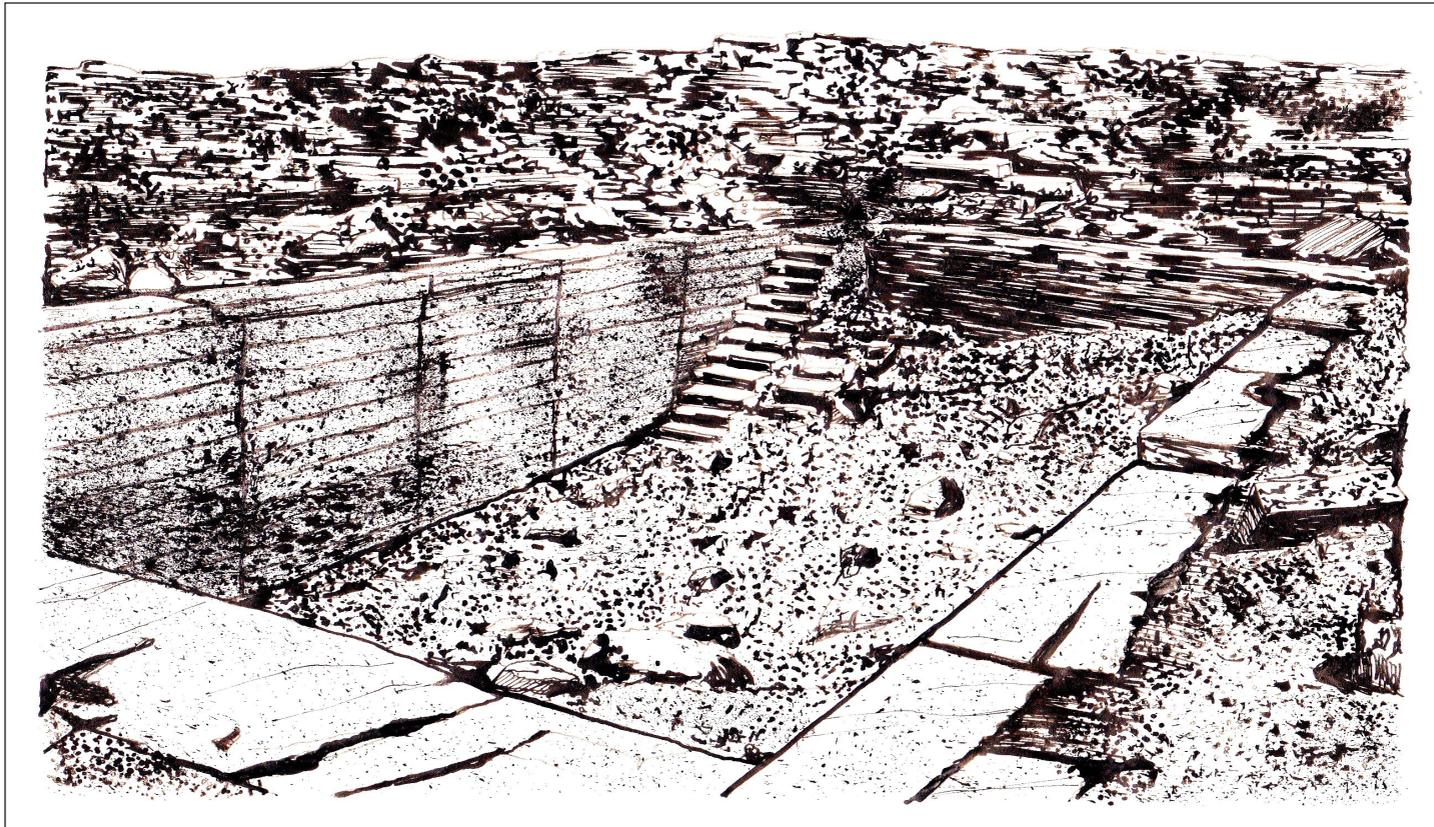


Vestígios de canalização de água por manilhas de cerâmica descobertos pela arqueologia.

Boca de poço feita em pedra, com sulco por onde passava a corda para puxar o balde de água.



A Arqueologia e os textos antigos mostram como desde os séculos VII a.C. as questões vinculadas aos recursos hídricos eram “questões de Estado”. Em vista da importância assumida pelo abastecimento de água nas cidades, pode-se dizer que este era um tema sensível à propaganda governamental. Tiranos e governantes democráticos dedicaram-se à implantação de sistemas de captação de água nas nascentes, canalizações subterrâneas ou não até grandes cisternas fechadas para em seguida ser conduzida a água por meio de aquedutos ou tubulações para o centro urbano. Heródoto conta justamente como o tirano Polícrates da cidade de Samos construiu um enorme túnel em uma montanha, que servia como aqueduto para conduzir a água de fontes até a cidade.

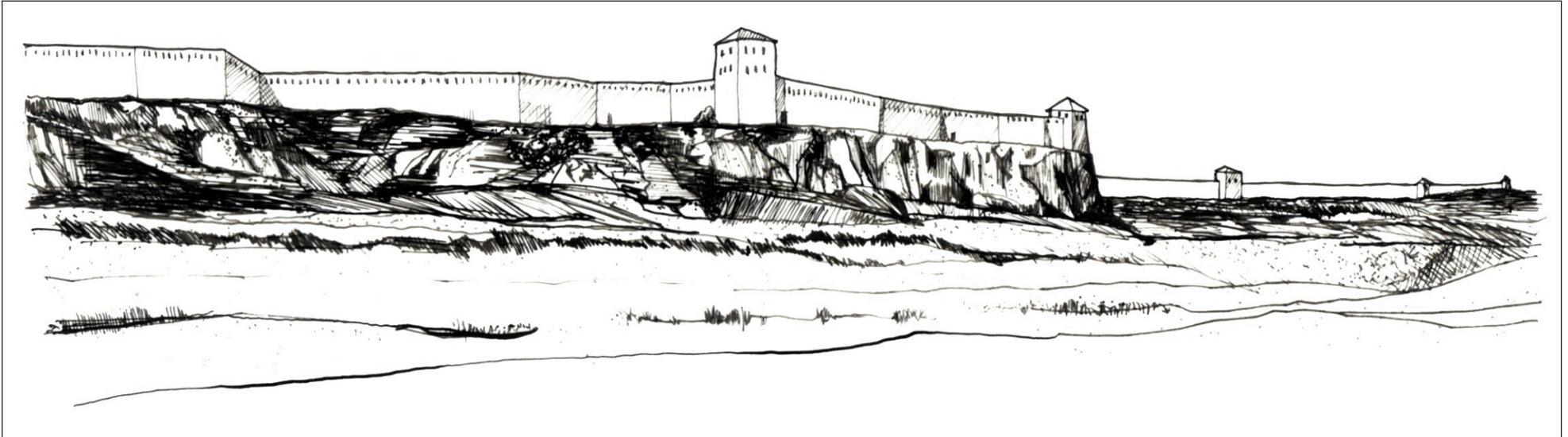


Vestígios de um reservatório de água encontrado pela Arqueologia.

Chegando na cidade, era necessário todo um sistema de canalizações menores de terracota ou de pedra para disponibilizar a água para a população em fontes e cisternas menores. Muitas dessas fontes foram monumentalizadas de modo a deixar bem registrado que o tirano as tinha construído em benefício da pólis.

Um reservatório de água muito mencionado nos textos antigos e que foi bastante escavado é a famosa Kolymbetra da pólis de Agrigento na Sicília. Diodoro nos conta que o tirano Terão e também o governo democrático que o sucedeu no poder, empenharam –se na construção e manutenção deste enorme reservatório de água de 7 estádios (aproximadamente 1.295 metros) de perímetro e 20 cúbitos de profundidade (aproximadamente 10 metros) cheio de peixes e pássaros aquáticos e alimentada por fontes e pelo aqueduto construído pelo arquiteto Feace, por contrato do tirano.

AS FRONTEIRAS: OS PORTOS E AS MURALHAS



O tema das fronteiras na cidade grega antiga é, desde o início, informado pelas perguntas: até onde vão os territórios de uma pólis?; até onde se estende a *khóra*?; quais elementos possuímos para medir esse território?; quais são os marcadores de suas dimensões?; como se dá a integração do espaço delimitado por estas fronteiras?; qual o significado último das fronteiras para a compreensão da sociedade?

Em primeiro lugar lembremos que as fronteiras no mundo grego antigo não eram representadas por uma linha fixa que demarcava os limites entre uma pólis e outra ou entre os gregos e os não gregos. Nesse mundo mediterrânico, a fronteira era fluida, movia-se no espaço, criando ambientes de contato entre póleis e entre gregos e não gregos. Às vezes, eram espaços de maior influência ou controle de uma pólis, as vezes de domínio de outra pólis. Mas, a pretensão de domínio sobre territórios, seja por fatores econômicos, seja por fatores de poder e prestígio, sempre foi uma constante no mundo helênico. A fronteira, assim, pode ser definida como aquele espaço que está à frente, mais adiante e que pode ser conquistado ou ocupado, que pode se tornar uma área de influência de um ou outro poder. E este espaço pode ser marítimo ou terrestre.

Entre os marcadores de fronteiras no mundo grego, devem ser considerados os portos fluviais ou marítimos e as muralhas.

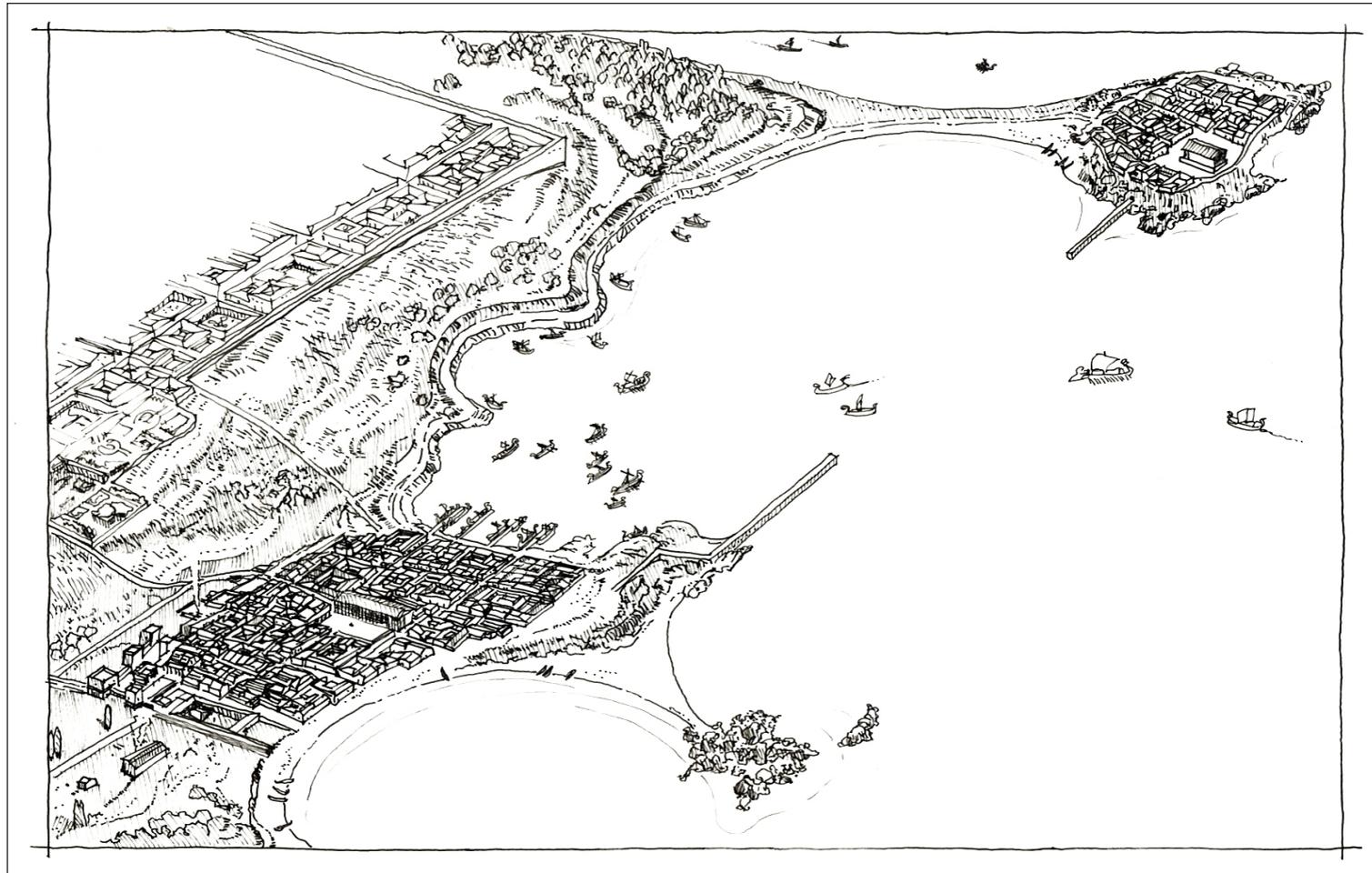
Os gregos tinham uma relação tão fundamental com o mar Mediterrâneo que Platão nos explica que eles eram como formigas e sapos vivendo ao redor de uma lagoa (*Fédon*, 109B). E eram os portos que possibilitavam esse contato com o mar, essa tentativa de domínio sobre o território marítimo e que favoreciam o contato com as populações mais afastadas.

Muitos portos foram edificados na antiguidade grega de forma monumental, como os de Atenas, Rodes, Cartago e Alexandria. Entretanto, não se deve descartar que as atividades portuárias podiam prescindir de instalações mais sofisticadas já que pequenas embarcações podiam se aproximar da costa e os estivadores poderiam realizar o embarque e o desembarque. O que nos faz pensar que várias localidades podem ter tido atividade portuária sem que com isso tenham deixado indícios de edificações.

Era no porto que eram guardadas as embarcações sejam as militares, sejam as comerciais e eram elas também ali fabricadas e consertadas, em espaços que hoje chamaríamos de “estaleiros”. Segundo Heródoto, os primeiros galpões feitos para guardar e proteger embarcações estavam localizados na ilha de Samos no Mar Egeu.

Mas, mais do que o conjunto de estruturas com finalidades práticas, o porto era uma estrutura privilegiada onde as trocas e o contato com o outro aconteciam. De fato, redes de trocas cruzavam o Mediterrâneo fazendo circular produtos e pessoas desde períodos muito recuados, como testemunham, por exemplo, os achados de cerâmica grega fabricada em Micenas, por volta de 1300 a.C., em sítios longínquos da Itália e Sicília, no Mediterrâneo ocidental.

Assim, os portos configuravam-se como o lugar da circulação de pessoas e de mercadorias. O porto era a porta de entrada de outros mundos e de outros modos de viver, de se vestir e de se conduzir socialmente e era a atestação visível e palpável de que o princípio da auto-suficiência da cidade antiga era apenas um ideal.



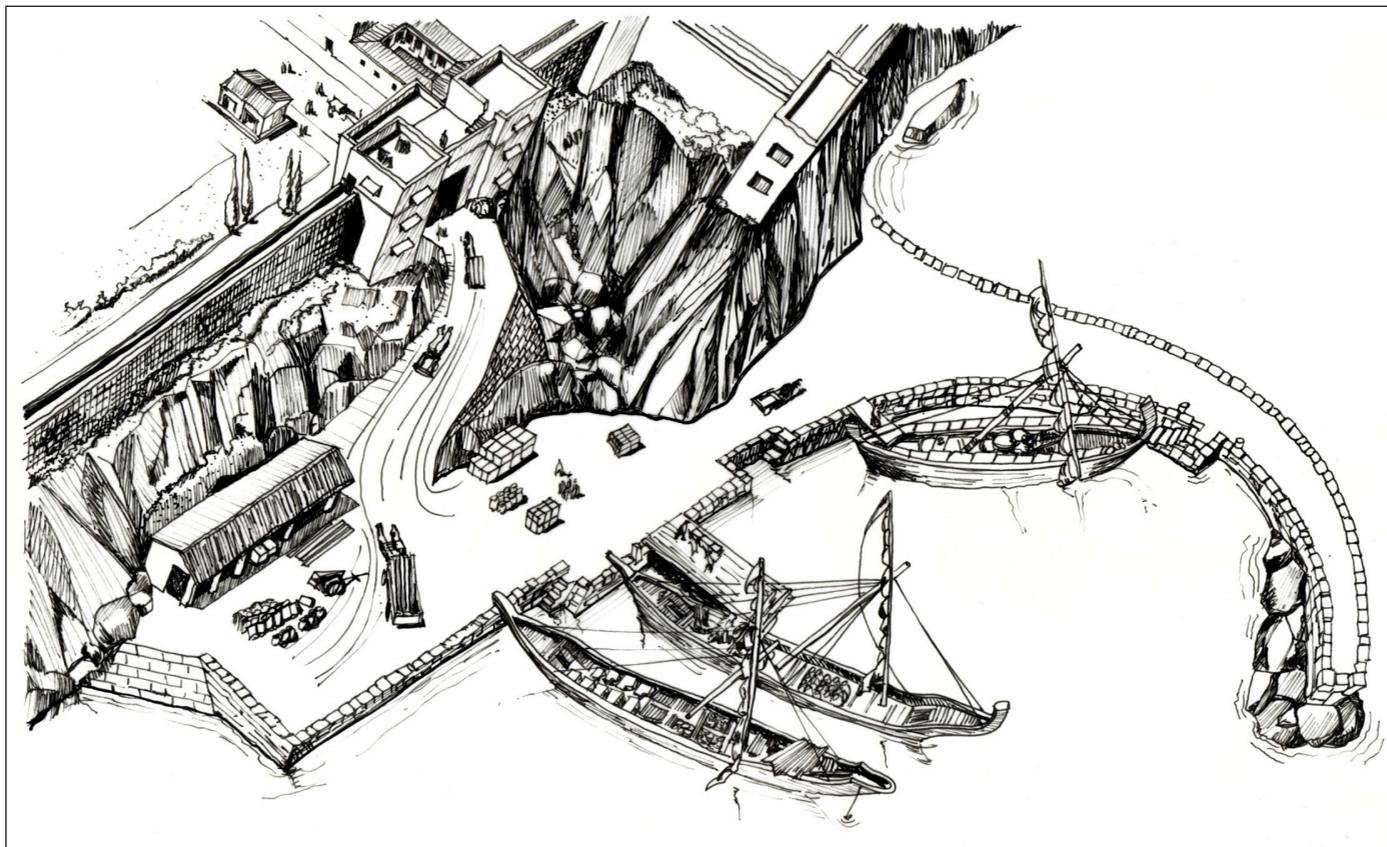
Reconstituição do porto da apoikia grega de Emporia (sul da Península Ibérica), século VI - V a.C. Nota-se a cidade mais antiga na península menor e a cidade nova na maior.

O mundo grego, era o mundo das cidades independentes, mas estas sempre foram altamente conectadas entre si e nesta “conectividade” o porto era peça fundamental, transformando o mar em um verdadeiro “cimento líquido”. O litoral mediterrâneo, nesse sentido, foi fator decisivo para a instalação dos portos graças à grande quantidade de ancoradouros naturais aproveitados pelos gregos, desde o século XII a.C.

As muralhas, por seu lado, também podem ser entendidas como um tipo de marcador de fronteiras. A arqueologia registra a existência, desde pelo menos o final do século VII a.C., de cidades amuralhadas. Diante da colocação de que as fronteiras eram flexíveis, como devemos entender essas muralhas? O que elas circundam?; são estruturas militares defensivas ou agregam outros significados?; o que fica dentro e o que fica fora e porque?; são eles marcadores dos limites da pólis?; como os muros se relacionam com o tema das fronteiras?; ou melhor, como o estudo dos muros pode nos elucidar sobre a questão relacionada às fronteiras da pólis?

No mundo grego antigo, notamos que essas muralhas cercam quase sempre o núcleo da pólis mais densamente povoado, que os gregos chamavam de *ásty*. Mas, elas comportavam em geral muitos portões e torreões. Pensa-se que as muralhas tinham uma função defensiva, protegeria a cidade de incursões dos inimigos, gregos ou não. Mas, a arqueologia, juntamente com os textos antigos, comprova que as muralhas tinham também um valor ideológico bastante relevante. Elas cercavam o núcleo mais povoado, mas em seu interior conservavam terrenos vazios, até agriculturáveis, e tinham uma amostragem de todos os elementos importantes que compunham a sociedade: as áreas de reunião e decisão, as residências, os santuários. Em época arcaica e clássica (dos séculos VIII ao IV a.C.) apenas os enterramentos não se realizavam dentro dos muros, mas anexado a algum portão e do lado de fora. Assim, poderíamos compreender a existência de muralhas nas cidades gregas como resposta a uma necessidade ideológica de definição de um terreno mínimo indispensável para a sobrevivência de uma comunidade; a área circunscrita pela muralha seria a materialização de uma ideologia em que o registro de um quinhão de terreno como área administrável e passível de organização direta seria indispensável ao estabelecimento de um *kósmos* harmônico e regular.

AS FRONTEIRAS: OS PORTOS



Reconstituição de um porto grego, com o seu pier e com os caminhos para a entrada na *ásty* por um grande portão nos muros.

kóthon: (masculino; plural *kothónoi*) grande taça lacedemônia, cujo formato assemelha-se ao de um porto ou ancoradouro, usado nos textos antigos para indicar o porto militar. Do grego κώθων, ωνος (ὀ).

epíneion: (masculino; plural *epíneia*) porto, ancoradouro. Do grego ἐπίνειον, ου (τὸ).

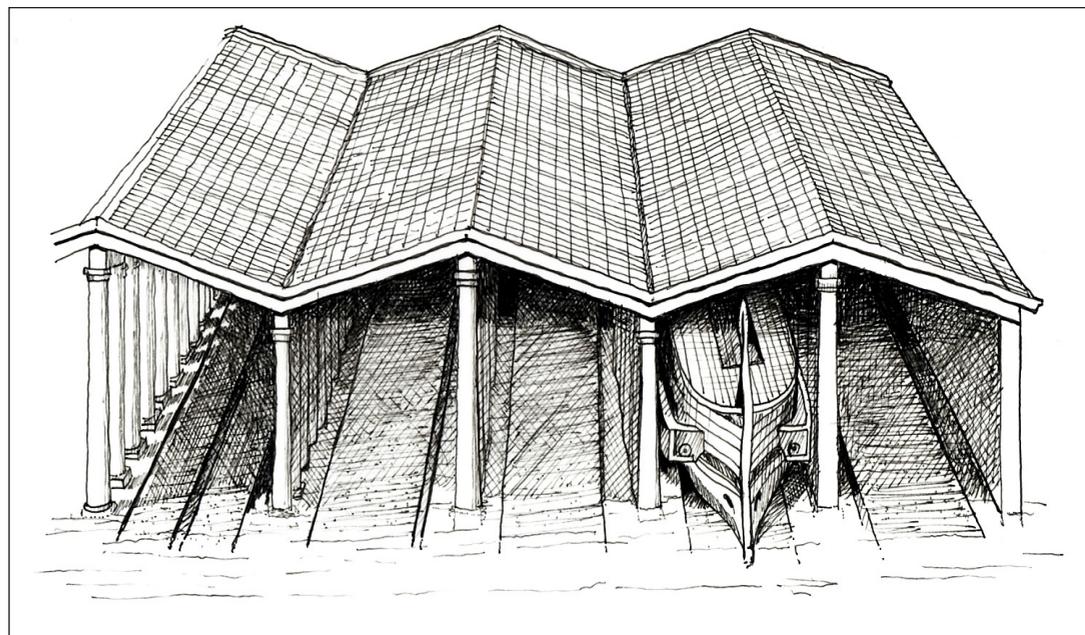
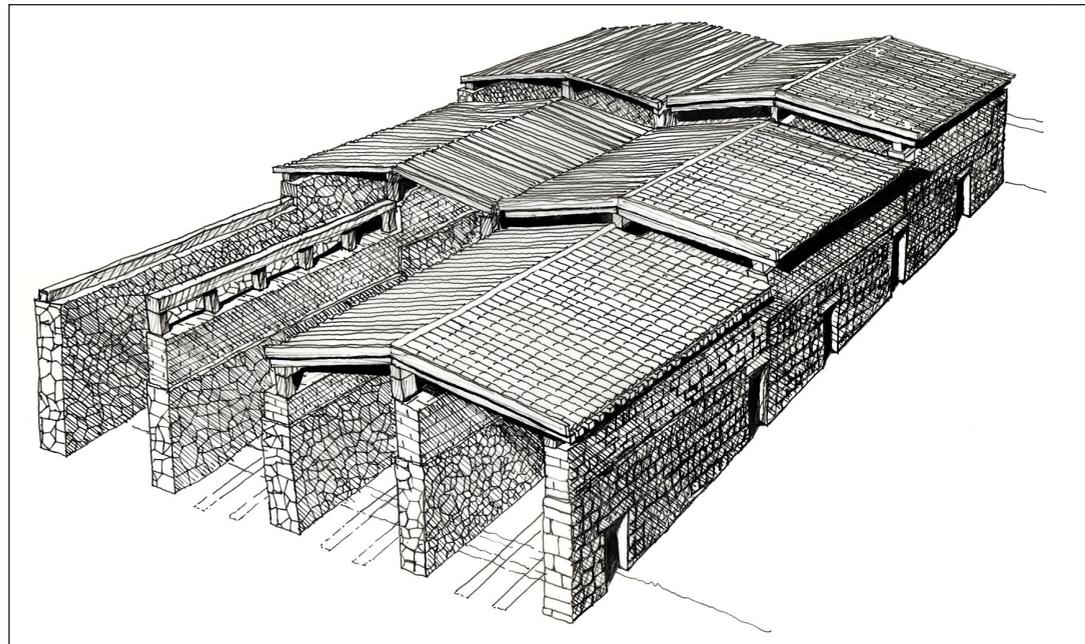
limén: (masculino; plural *liménoi*) porto; local para se colocar ao abrigo. Do grego λιμήν, ένος (‘ο).

hórmos: (masculino; plural *hórmoi*) lugar do porto onde se amarra o navio ou se jogam as âncoras para descarregar as cargas ou para as pessoas descerem. Do grego ὄρμος, ου (ὸ).

khôma: (masculino; plural *khómata*) pier; molhe; terraceamento para abrigar os navios das ondas do mar. Do grego χῶμα, ατος (τὸ).

neórimon: (masculino; plural *neórima*) canteiro de obras de navios. Do grego νεώριον, ου (τὸ).

neósoikoi: (masculino; sempre no plural) alojamento para os equipamentos navais e para guardar os navios no seco. Do grego νεώσοικοι, ων (οἱ).

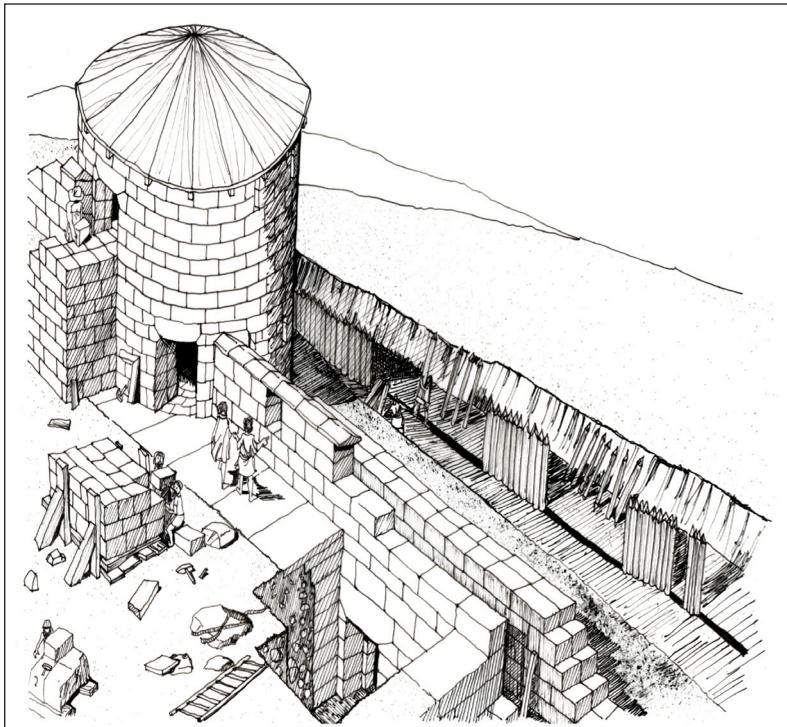


Reconstituições de estaleiros para a guarda dos equipamentos navais e dos navios na época do inverno.

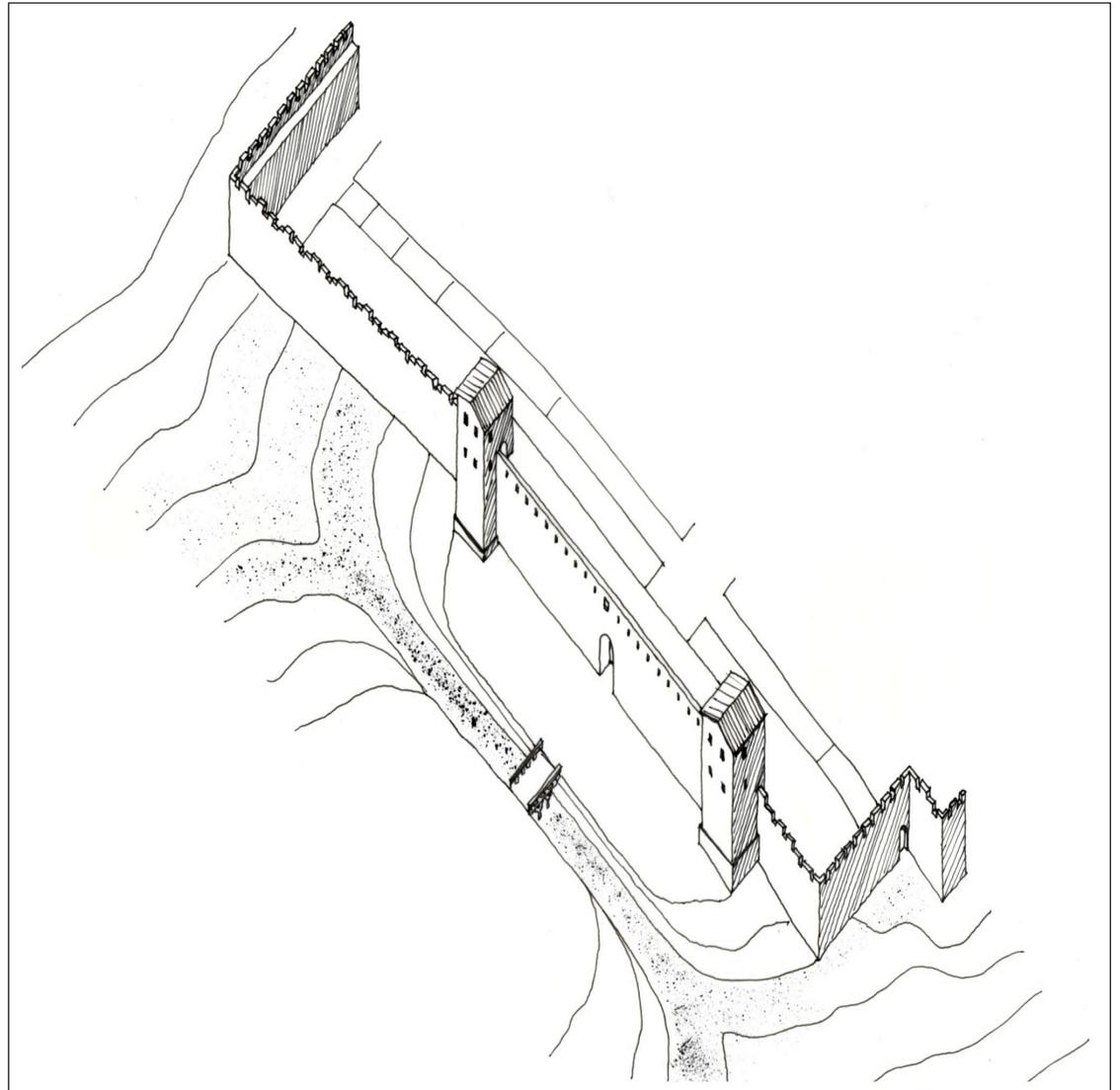
AS FRONTEIRAS: OS MUROS

pyle: (feminino; plural *pyla*) portão de uma cidade; uma das folhas de um portão duplo; entrada. Do original grego: πύλη, ης (ή).

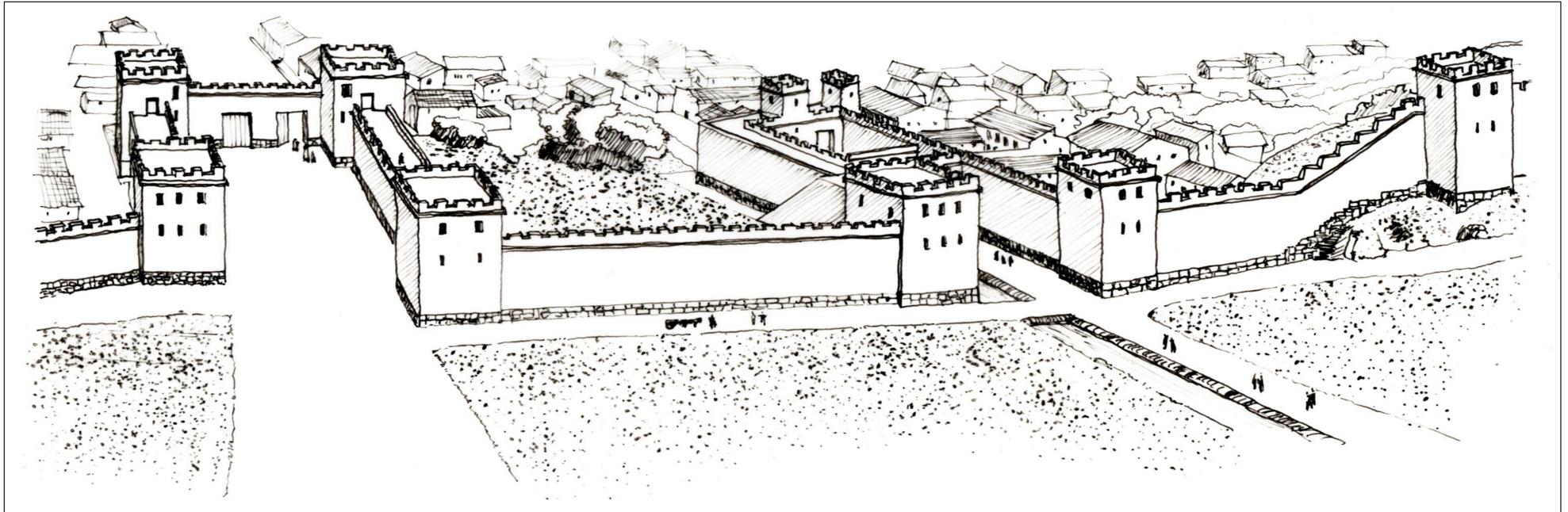
diateíkhisma: (masculino; plural *diateikhísmata*) fortificação de um lugar ou cidade feita por meio de várias muralhas. Do grego διατείχισμα, ατος (τὸ).



Muralha com torre.



Modelo de Muralha com fosso.



Reconstituição dos portões das muralhas de Atenas: o Dípylon e a Porta Sagrada que conduzia ao santuário de Atenas em Eleusis.

teikhos: (masculino; plural *teíkhe*) muralha. Do original grego τεῖχος, εους-ους (τὸ). Há também *diateíkhisma* e *proteíkhisma*.

dípylon: (masculino; plural *dípyla*) porta dupla. Em Atenas uma das portas da muralha, localizada no bairro do Cerâmico e que dava justamente para o cemitério e onde iniciava a Hierá Hodós, a Via Sacra que conduzia a Eleusis. Segundo Plutarco (*Péricles*, 30) anteriormente se chamava *Triásiai Pylai* (Θριάσιαι πύλαι), portas do demo de Thria, em Atenas. Do grego δίπυλον, ου (τὸ).

proteíkhisma: (masculino; plural *proteikhísmata*) Fortificação diante de um muro; fortificação externa ou avançada.

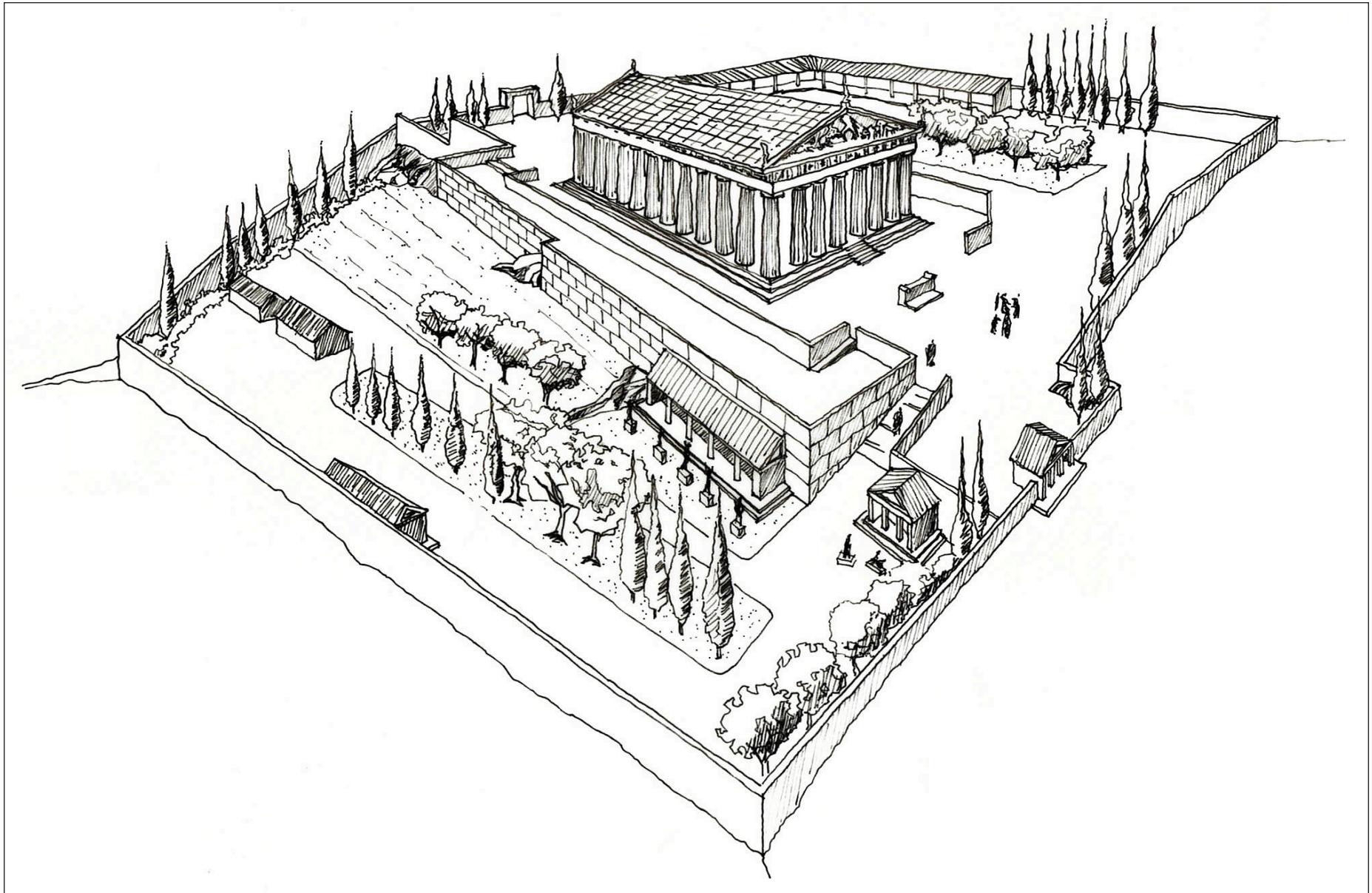
O ESPAÇO DOS DEUSES

A invenção do templo grego não representa uma mudança significativa na prática cultural mas sim uma decisão de uma comunidade de cidadãos, no sentido de monumentalizar, isto é, de inscrever uma construção sagrada em uma paisagem. O exercício da prática religiosa prescindia de uma edificação em épocas mais recuadas. Mas uma vez construído, o templo torna-se o emblema da pólis, a consignação do poder e do prestígio de uma cidade frente às demais, a expressão de sua identidade. Na estrutura de uma cultura competitiva como a grega, os santuários desempenham um papel definitivo.

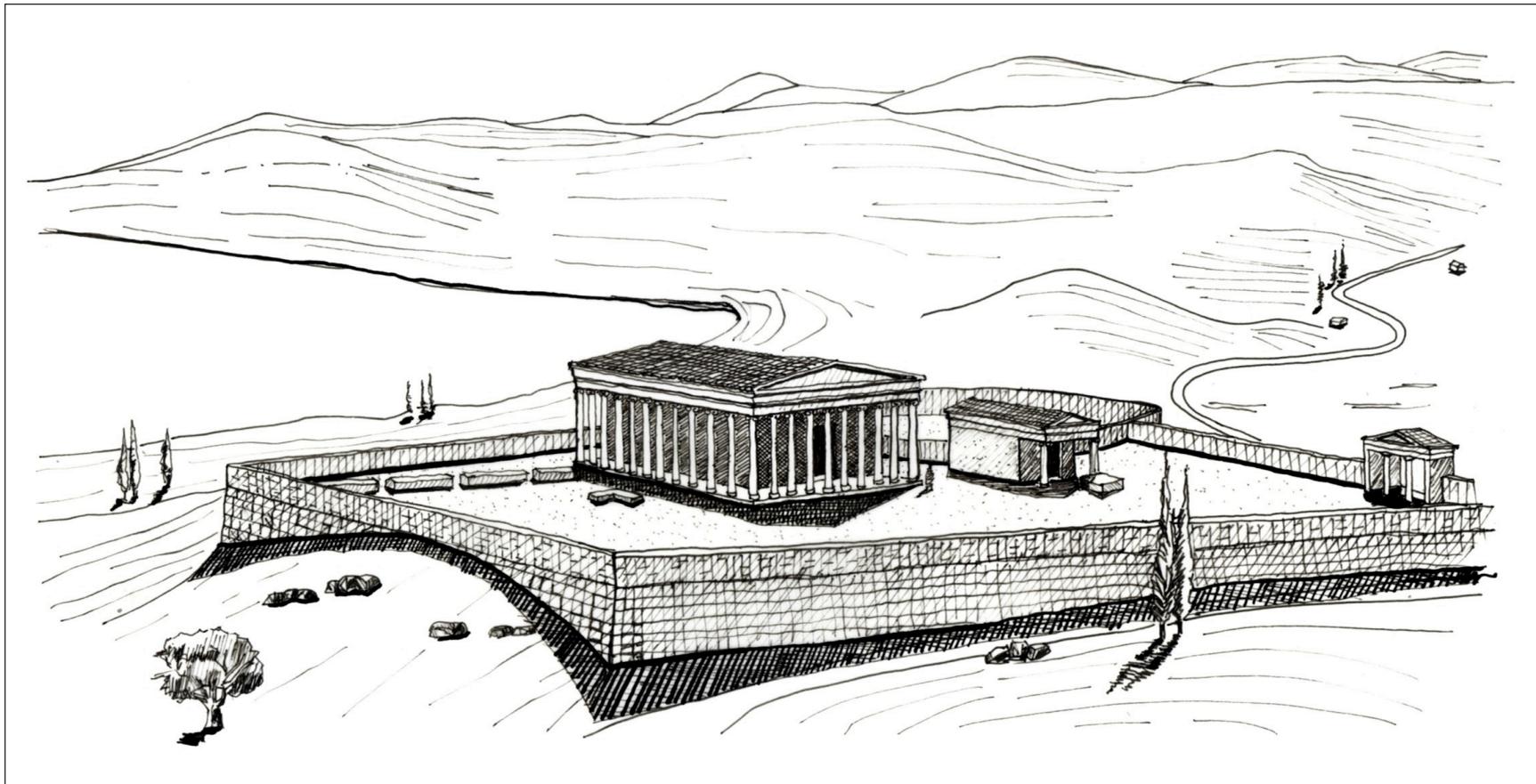
No final da época geométrica, ou seja, por volta do século VIII a. C. estrutura-se a trilogia altar (dispositivo necessário para o sacrifício), templo (abrigo da estátua e das oferendas) e témeno (área sagrada delimitada), espaços que vão constituir o santuário grego clássico.

O plano básico do templo clássico era retangular, compreendendo duas partes principais: uma área fechada – *sekós* –, e uma colunata aberta – o peristilo. A área fechada era compreendida pelo menos por um compartimento: naós (em latim *cella*) que abrigava a estátua representando a divindade; frequentemente esse espaço era precedido por uma espécie de vestíbulo: *pronaos*; o plano básico era completado pelo opistódomo, um quarto localizado na parte de trás do *naós*. Alguns templos dispunham do ádito, espaço reservado, uma espécie de “santo dos santos”. O templo inteiramente rodeado por colunas era chamado períptero, se havia duas fileiras de colunas: díptero. Pequenos templos podiam ter colunas apenas na frente; são os chamados templos *in antis*. O comprimento dos templos era variável, os mais antigos, construções verdadeiramente monumentais, mediam cerca de 100 pés, daí a denominação Hecatômpedos. É preciso dizer ainda que muitas estruturas religiosas, de tamanho pequeno e que não se configuram propriamente como templos, são registradas pela arqueologia, seja na *khóra*, seja na *ásty*. Estes pequenos santuários, receberam o nome de *naískos*.

O espaço grego, seja na *ásty*, seja na *khóra*, é coalhado de santuários grandes ou pequenos, templos grandes ou pequenos, altares, áreas agriculturáveis pertencentes aos deuses. Fala-se inclusive de uma paisagem religiosa que pervade todos os espaços, dando uma estrutura e uma liga a esta sociedade. As pólis construíram sua identidade sob a proteção de algumas divindades e muitas delas sob a proteção de um herói fundador, que deveria ser enterrado na praça central, como afirmam as fontes escritas antigas. A arqueologia descobriu algumas dessas estruturas que podem ser interpretadas como a marca do herói fundador (o próprio túmulo?), o *herôon*. É o caso do *herôon* de Posidônia (ver p. 51).



Reconstituição de um santuário grego onde se distinguem o témeno cercado por muros e com entrada pelo propileu; o templo períptero ao centro com o altar em frente do lado de fora; jardins; estrutura para os guardiões; *stoá* para o abrigo de peregrinos.



Modelo de santuário onde se veem os muros que rodeiam o téneno, o propileu e um segundo templo menor.

téneno: Na Grécia antiga, terreno sagrado, muitas vezes delimitado por muros ou por fileiras de pedras, consagrado a uma divindade, no interior do qual poderia ser erigido um altar e um templo. A partir do original grego τέμενος, εος-ους, (τὸ).

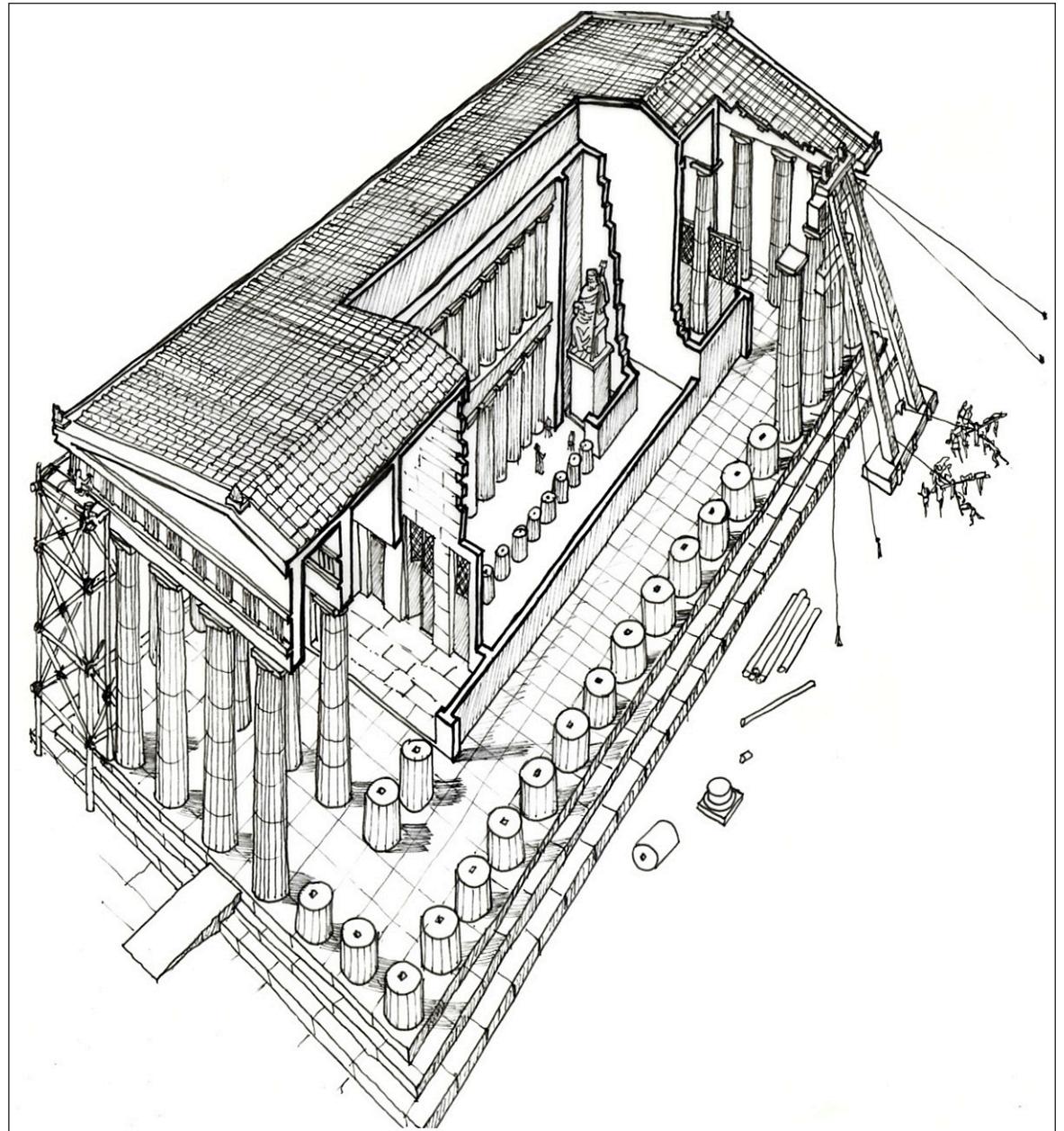
hierón: (masculino; plural *hierá*) lugar sagrado, santuário, templo. Do grego ἱερόν, οὐ (τὸ).

períbolos: recinto, espaço circundado por limites físicos definidos. A partir do original grego περίβολος, ου (ὁ).

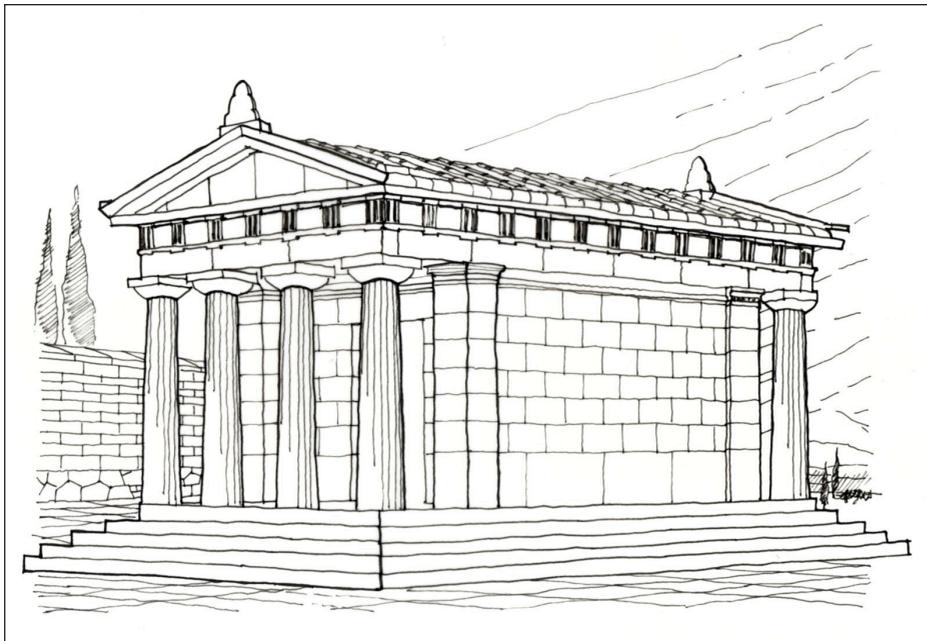
propileu: vestíbulo que dá acesso a um santuário ou área sagrada rodeada por um muro de téneno. A partir do original grego προπύλαιος, α, ον

naós: (masculino; plural *naoi*) templo; parte interior do templo onde estava instalada a estátua de culto. Do grego ναός, οῦ (ὁ).

opistódomo: (masculino; plural *opistódomos*) no templo, câmara onde eram guardadas as oferendas e o tesouro ofertados à divindade. A partir do original grego ὀπισθόδομος, ου (ὁ).



Um templo e suas etapas de construção.



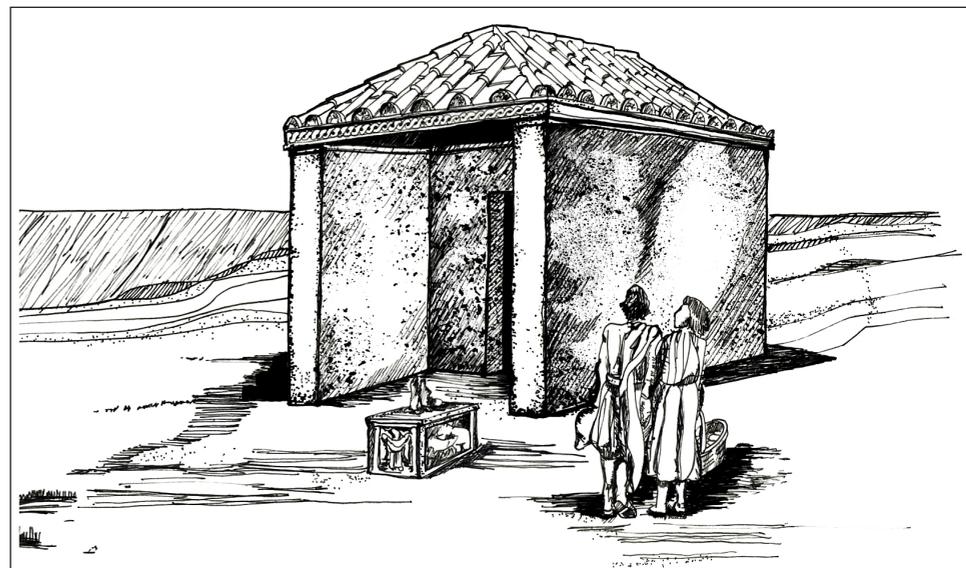
Modelo de templo com colunas apenas nos dois lados mais longos.

naískos: (masculino; plural *naískoi*) diminutivo de *naós*; pequeno templo, pequeno santuário. (ver *naós*). Do grego ναῖσκος, ου (ὄ).

áditos: inacessível; impenetrável; cujo acesso é vedado aos profanos, parte reservada de um local sagrado (templo, santuários, bosques).

A partir do original grego ἄδιτος, ος, ον.

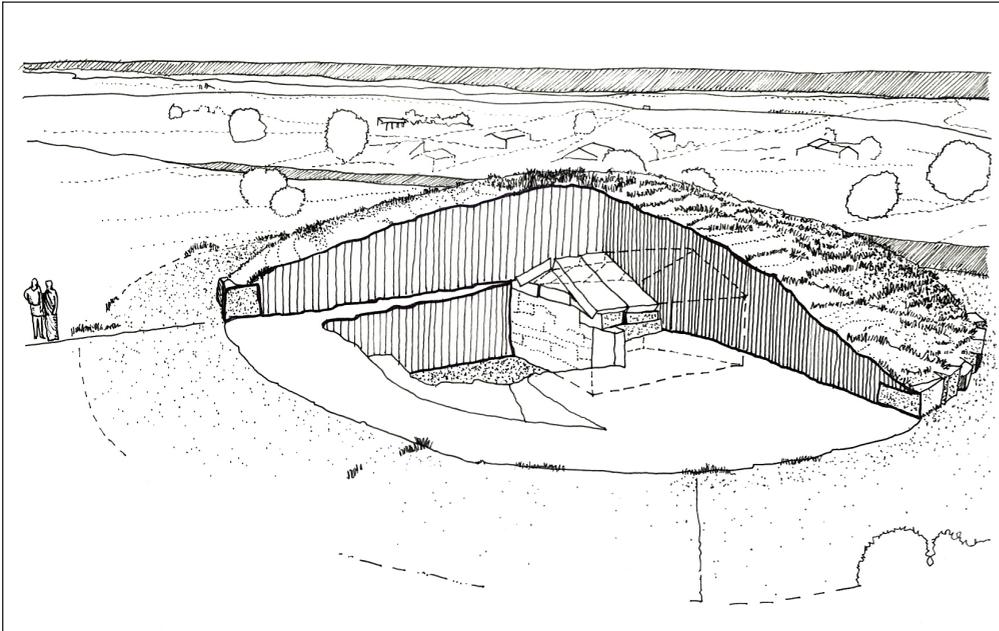
bomós: (masculino; plural *bomói*) altar. Do grego βωμός, οὔ (ὄ).



Modelo de pequena estrutura sagrada na *khóra*, com seu altar na parte dianteira.



Estrutura interpretada como um *herôon*, encontrado pelo arqueólogos na ágora da cidade de Posidônia, na Magna Grécia. Teria sido o local de ritual funerário dedicado a um personagem importante da cidade (o fundador?). Posteriormente, a câmara teria sido recoberta com terra, formando um montículo.



herôon: (masculino; plural *herôa*) templo de um herói; construção dedicada a um morto deificado ou semideificado. Do grego ἥρωον, ος, ον.

O ESPAÇO DOS MORTOS



Vista da necrópole de Atenas junto ao portão do Dípylon.

Na visão de mundo das comunidades gregas antigas os que morriam deveriam ser colocados em um espaço especial, afastado dos espaços da vida cotidiana e onde seriam lembrados e celebrados pela família e pelos amigos. Os arqueólogos chamam este espaço de necrópole, palavra que em grego significa a cidade dos mortos.

Nas pólis estruturadas espacialmente, as necrópoles situavam-se, em geral, um pouco afastadas da área de habitação e fora da área amuralhada, definindo-se, assim, zonas especializadas para os vivos e para os mortos.

No mundo grego, os mortos eram tanto enterrados quanto cremados. De acordo com a época, localidade e com o sexo e idade do morto, predominava uma ou outra forma.

As sepulturas variavam em tamanho e forma em função das cidades onde se localizavam, da época em que eram construídas e de acordo com quem seria ali sepultado. No mundo grego são documentadas tumbas individuais e coletivas, tumbas muito simples formadas apenas por uma cavidade no chão ou na rocha e outras dotadas de dispositivos arquitetônicos mais sofisticados como a cista, revestida de lajes de pedra nas laterais e coberta ou não por outra laje ou por telhas. Há registro igualmente de túmulos subterrâneos em que se depositavam vários sarcófagos que podiam ser mais ou menos elaborados.

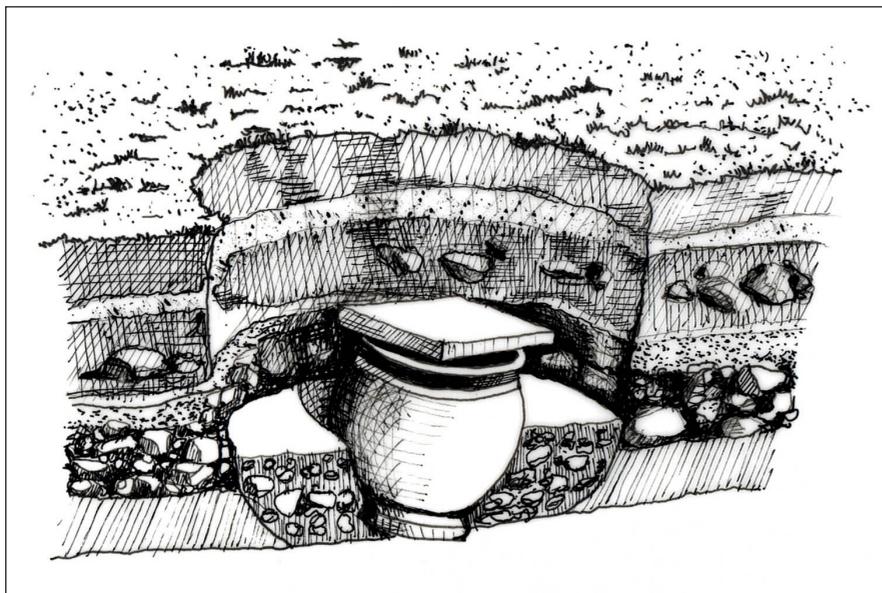
A posição do corpo também podia variar, alguns eram colocados estendidos, outros fletidos em muitas posições (de lado, joelhos dobrados para um lado ou outro). Havia enterramentos, em geral de crianças, em que os corpos eram colocados em telhas ou em vasos cerâmicos como os *pithoi* (grandes jarros destinados também ao armazenamento de víveres).

A cremação é o rito funerário em que o morto era incinerado, seja em uma pira ou então, mais raramente, na própria sepultura. No caso da cremação, os ossos e cinzas queimados eram recolhidos em tecidos e depois colocados em vasos cerâmicos ou de bronze e enterrados juntamente com as oferendas funerárias.

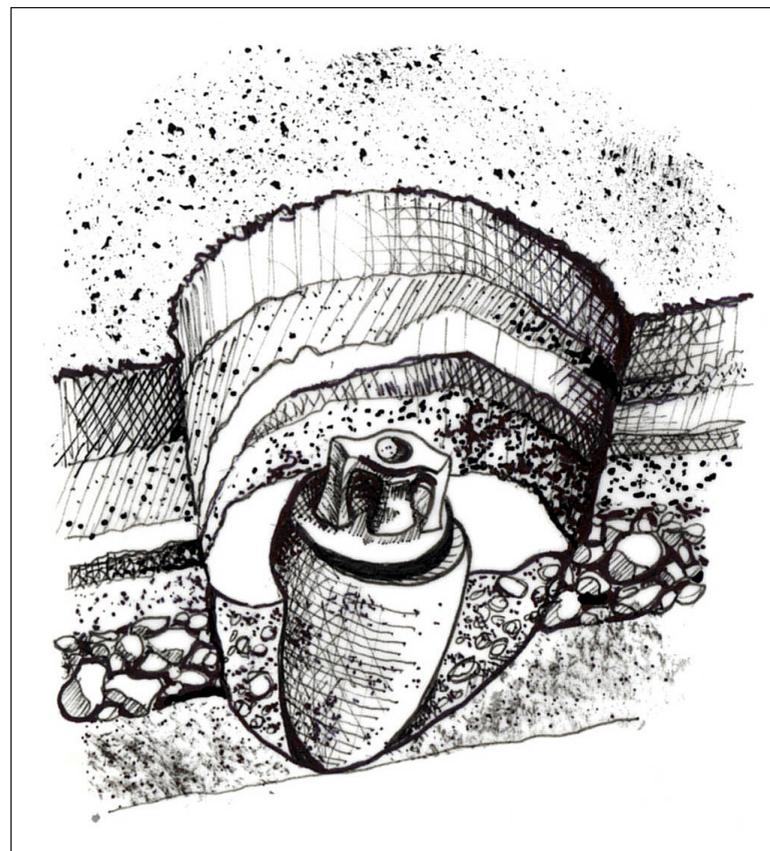
As sepulturas eram sinalizadas pela presença de um montículo, um vaso cerâmico, uma lápide ou mesmo uma construção que incluía “capelas”, esculturas, etc., dependendo, como já foi dito, do local e da época.

Os artefatos que acompanhavam o morto – o mobiliário funerário – também variavam de pólis a pólis e de época a época: em princípio tudo que existia nas casas poderia ser ofertado, desde a tigela de barro, passando por adereços e pertences pessoais de todo tipo, instrumentos de trabalho, brinquedos, armas e assim por diante. Poucos eram os objetos especificamente funerários.

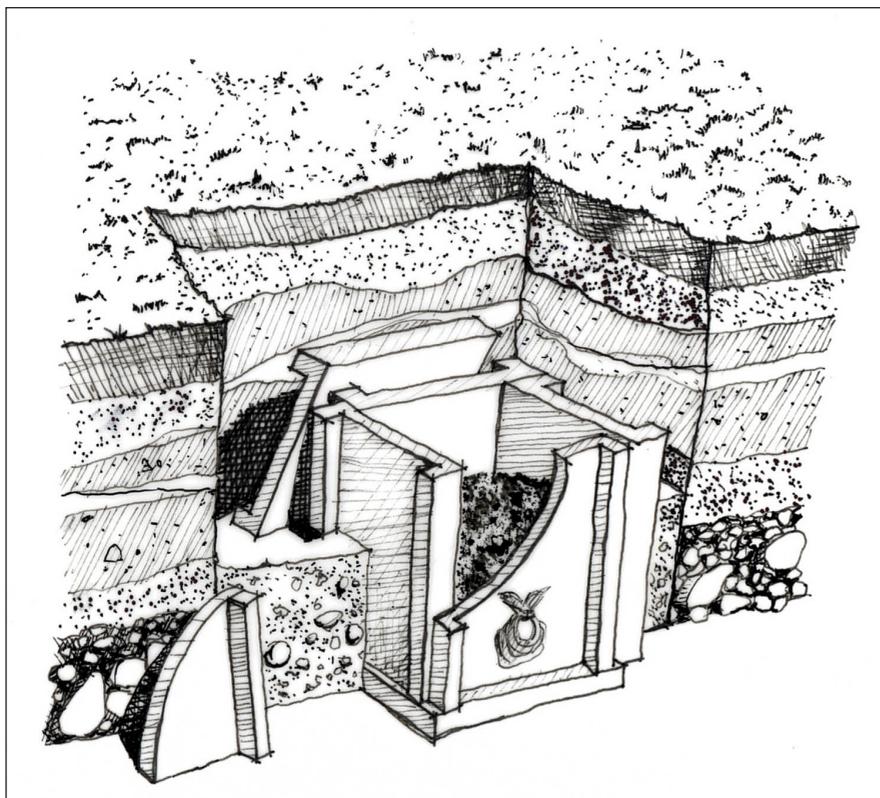
Os cemitérios são sítios arqueológicos de grande potencial como documentos sobre os costumes funerários mas, também permitem inferências sobre aspectos variados da vida de uma comunidade: a estruturação das camadas sociais, dos grupos por sexo e idade, por exemplo, pode ser analisada a partir da constatação de padrões diferenciados de enterramento em uma mesma necrópole; a análise dos vestígios esqueléticos pode fornecer dados demográficos, informações sobre a dieta, a presença de certos tipos de doenças, a morte causada por violência. O mobiliário funerário, por sua vez, pode trazer informações preciosas sobre influências gregas em áreas não gregas e vice-versa, indicando formas de convívio, de contato e de transformações culturais.



Cremação em urna de cerâmica.



Ânfora de cerâmica para conter cinzas mortuárias.



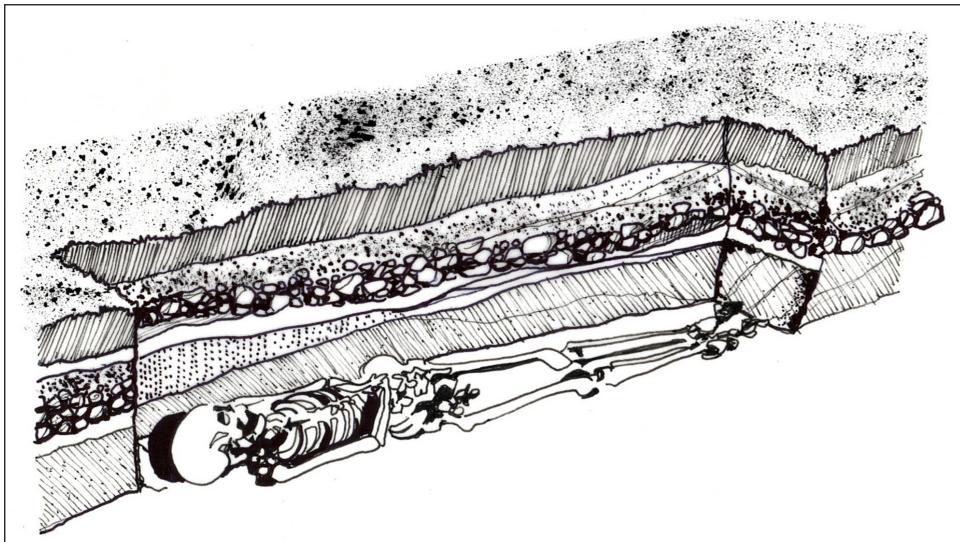
Recipiente de lajes de pedra para conter cinzas mortuárias.

táphos: (masculino; plural *táphoi*) ritos funerários, túmulo.
Do grego τάφος, ου (ὸ).

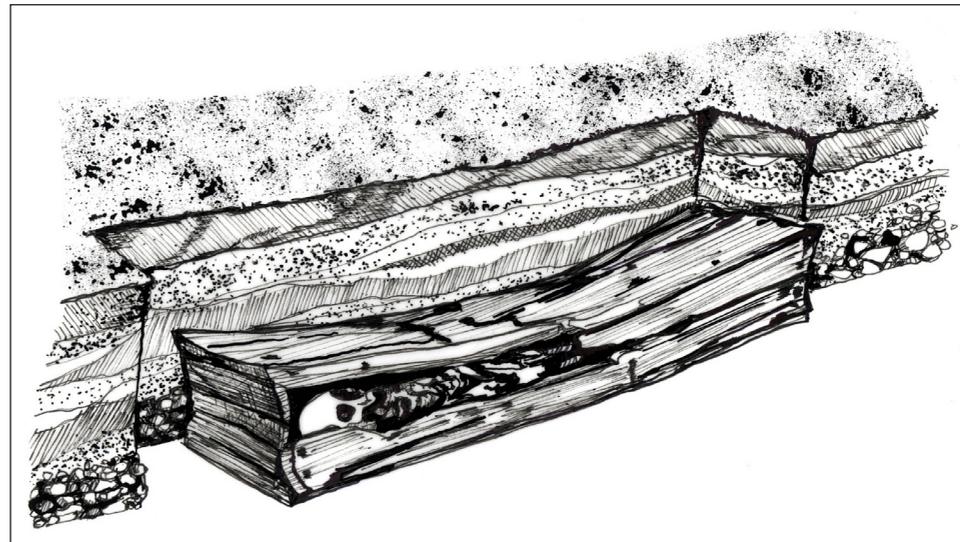
taphé: enterramento. Do grego ταφή, ῆς (ῆ).



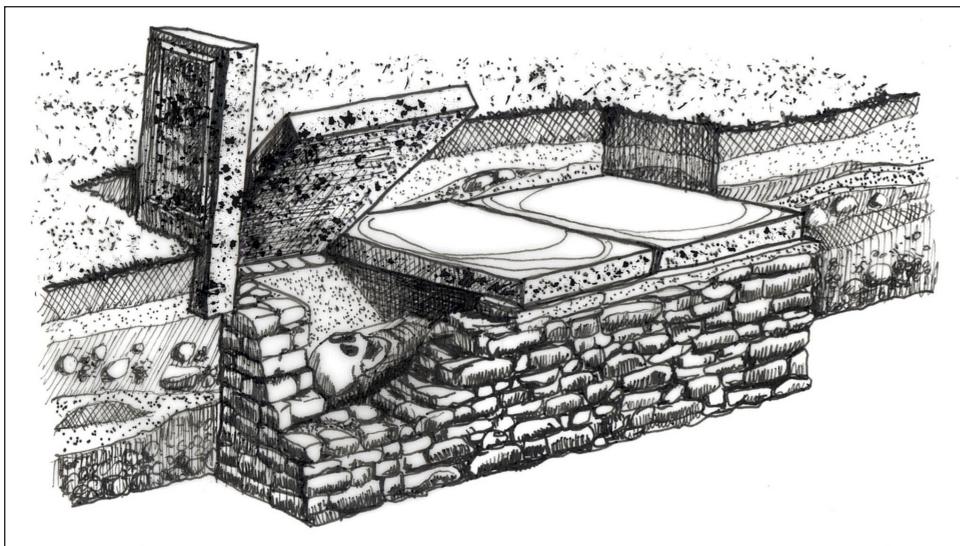
Inhumação em ânfora de cerâmica.



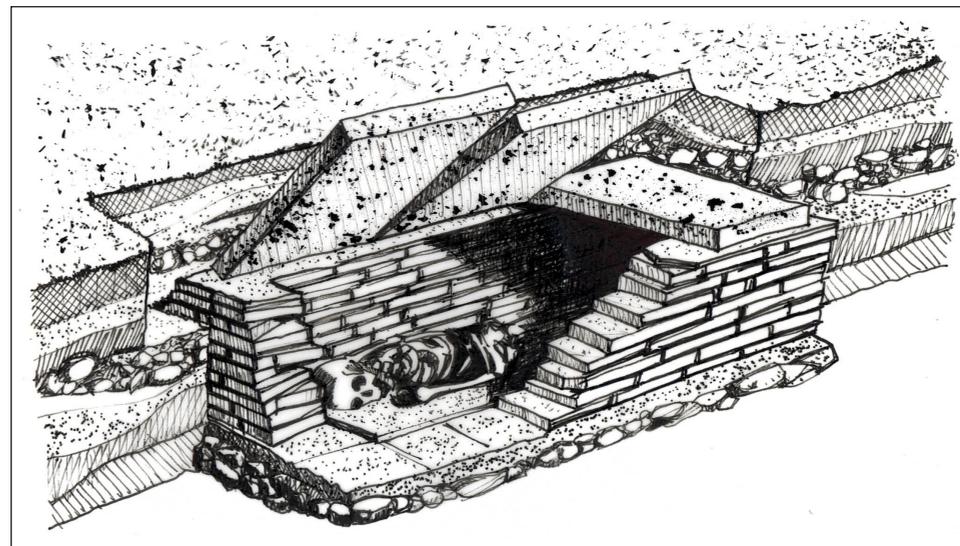
Enterramento em fossa nua.



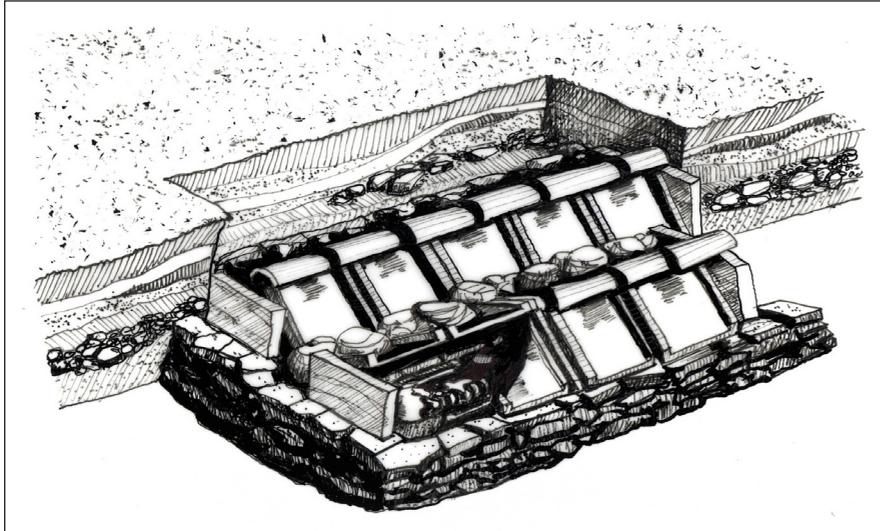
Caixão de madeira para inumação.



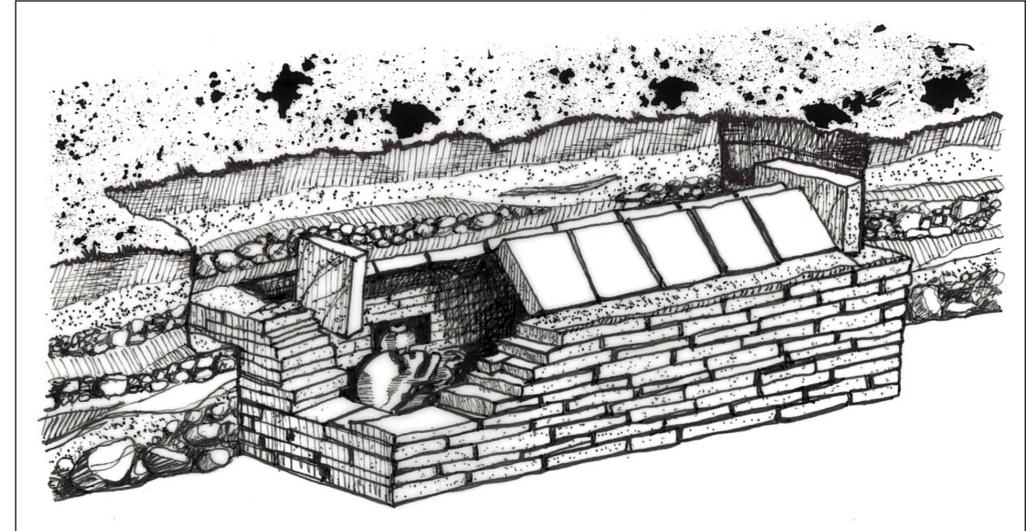
Fossa de inumação com pedras e coberta por lajes.



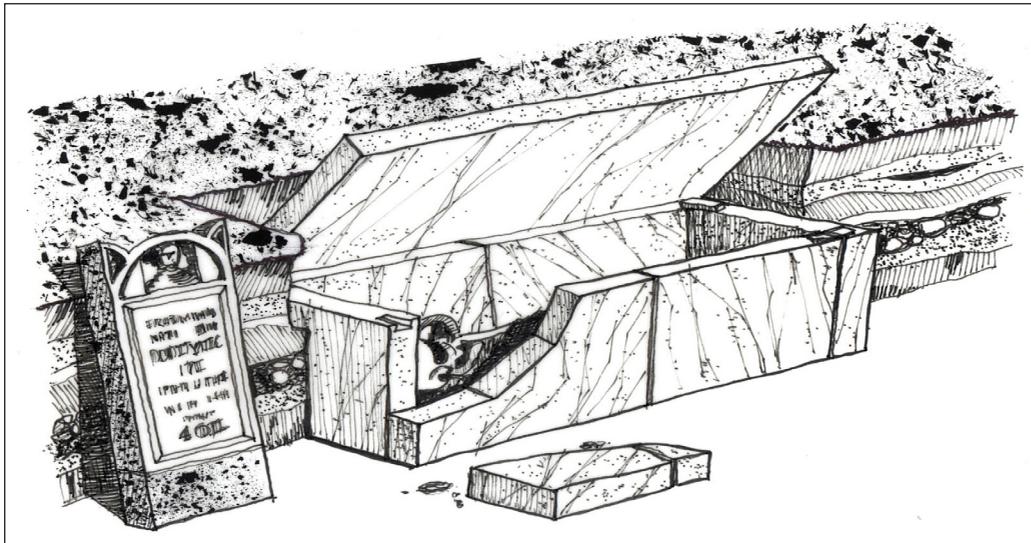
Inumação em caixas de lajes.



Inhumação em cista coberta com telhas à “cappuccina”.



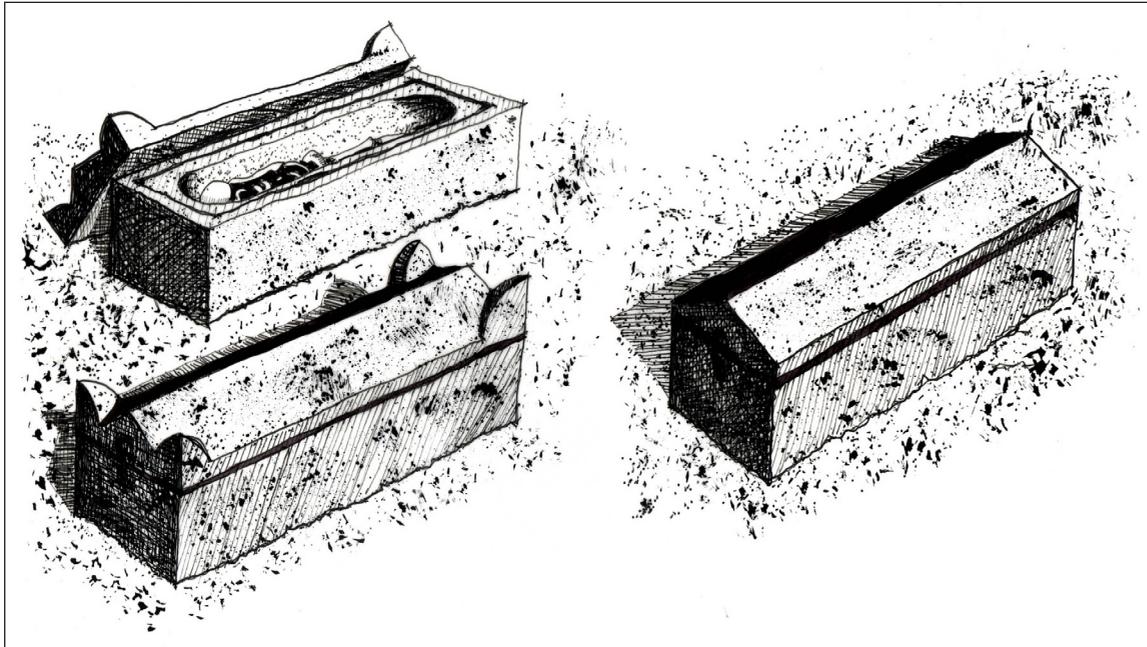
Inhumação em caixão de lajes com cobertura à “cappuccina”.



Cista para inhumação.

cista: denominação de um tipo de sepultura no mundo mediterrâneo; formada por quatro lajes, colocadas verticalmente e sobrepostas por outra pedra horizontal como tampa. No interior eram colocados os restos mortuários. Do original grego κίστη, ης (ή).

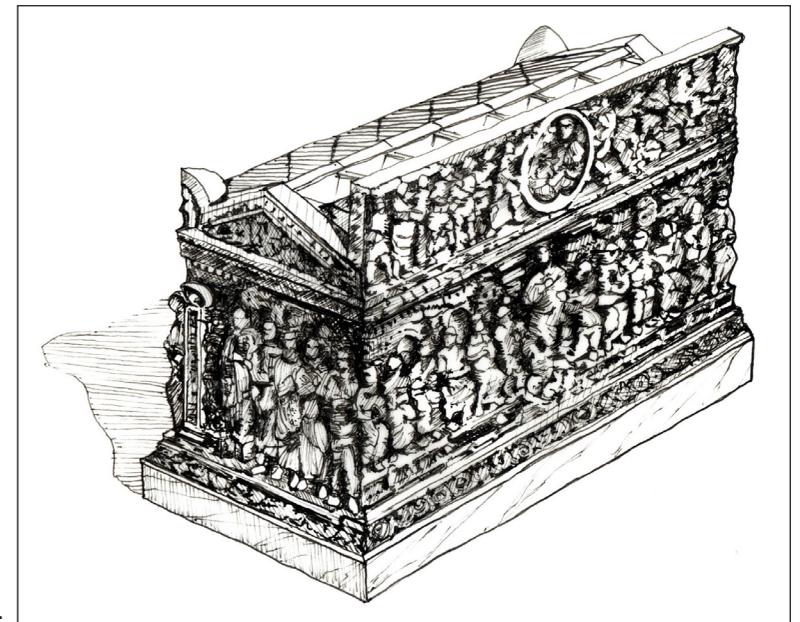
necrópole: literalmente, em grego, cidade dos mortos; cemitério. A partir do original grego νεκρόπολις, εως (ή).



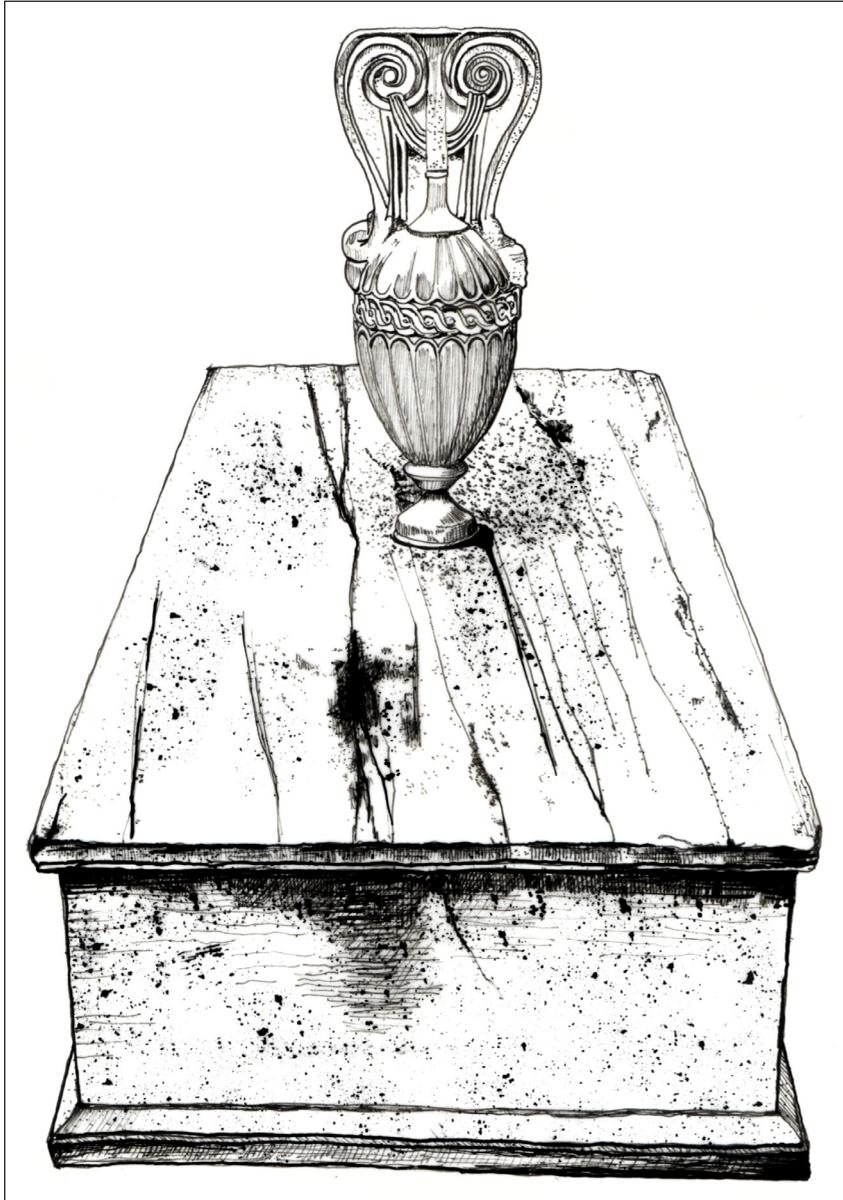
Caixão para inumação feito com lajes de pedra.

O sarcófago era muitas vezes colocado no terreno de uma necrópole ou numa câmara funerária (subterrânea ou não) juntamente com outros sarcófagos pertencentes aos mortos de um mesmo grupo social. A palavra foi usada em época clássica na Grécia: σάρξ, σαρκός (ή) que significa carne e σαρκάφος (ή) que significa o que come a carne. Mas, na verdade, para designar um tipo de caixão mortuário esta palavra foi incorporada ao vocabulário grego apenas em época romana.

O sarcófago é um envólucro mortuário fabricado para conter o corpo do morto. Diferentemente do caixão – que era mais simples- o sarcófago não era enterrado diretamente no solo. Estrutura sofisticada, feita de pedra ou madeira, recebia em geral esculturas em relevo ou pinturas com mensagens sobre o morto ou sobre a vida que o esperava além túmulo. Podiam igualmente ter uma tampa esculpida e trazer inscrições com dizeres ou com a identificação do morto.



Sarcófago para inumação.



Túmulo com marcador de mármore.

Como em muitas sociedades, também na Grécia antiga depunha-se o corpo do morto ou suas cinzas na terra mas deixando uma marca na superfície. Isto era imprescindível, pois a sepultura devia ser objeto de culto, marcando a memória que os vivos tinham de seus ancestrais e marcando a identidade dos indivíduos nas famílias e na comunidade. Também esses marcadores de sepulturas, tão comuns nas necrópoles, revelavam a categoria de quem estava enterrado, o sexo, a idade, e a posição na sociedade. Muitos foram os tipos de marcadores: inscrições, esculturas, lápides com esculturas ou pinturas, vasilhas de cerâmica ou de mármore. No caso das vasilhas, muitas eram propositalmente perfuradas para receber libações líquidas que chegassem até o defunto já enterrado. Às vezes, apenas um montículo de terra registrava a presença de uma sepultura, como no *herôon* descoberto pelos arqueólogos na ágora de Posidônia (ver p. 51).

CRÉDITOS DE IMAGENS E DE TERMOS

A pesquisa dos termos para este glossário foi feita pela equipe do Labeca, desde 2006. Deve-se observar que segue-se o mesmo padrão do Glossário presente no site www.labeca.mae.usp.br, o qual pode ser consultado para ainda outros termos que não foram aqui ilustrados.

Pretende-se com estes Glossários apresentar uma versão padronizada de muitos termos que vem sendo escritos das mais diversas maneiras na bibliografia em português sobre a antiguidade grega. Dessa forma pensamos evitar que o significado destas palavras se perca nas grafias diferentes. Introduzimos neste glossário termos muito frequentes nos estudos sobre o espaço grego antigo e que não são encontrados em nossos dicionários. Muitos termos foram aportuguesados para tornar a leitura mais sonora. Outros, foram escritos a partir de grafias já consagradas em livros acadêmicos, traduções muito conhecidas ou em dicionários do português.

Com raras exceções, os termos deste glossário são emprestados diretamente do grego antigo.

Os termos que aparecem em *itálicos* são os que mantiveram sua forma em grego antigo, os demais são já consagrados em nosso vocabulário ou são os aportuguesamentos feitos.

Logo em seguida do termo, entre parênteses, colocamos o gênero e o plural como devem ser empregados em português.

As definições de termos que possuem vários significados valorizam o sentido que dizem respeito à temática do disciplinamento do espaço.

Desenhos realizados a partir de:

- p. 8 - MACDONALD, F. *I Wonder Why Greeks Built Temples and Other Questions about Ancient Greece*. Boston, Kingfisher, 1997. pp. 6-7.
- p. 9 - CAHILL, N. *Household and city organization at Olynthus*. New Haven, Conn., Yale University Press, 2002. p. 196.
- p. 10 - MERTENS, D. *Città e monumenti dei Greci d'Occidente*. Roma, L'Erma di Bretschneider, 2006. p. 160.
- p. 11 - MERTENS, D. *Città e monumenti dei Greci d'Occidente*. Roma, L'Erma di Bretschneider, 2006. p. 351.
- p. 13 - AA.VV. *Past worlds: the times atlas of archaeology*. London, Times Books Ltda., 1988. p. 162.
- p. 14 - DROSOU-PANAGHIÓTOU, N. *Atenas. Os monumentos com reproduções*. Atenas, Papadimas Ekdotiki. 2013. p. 77/ MALAM, J. e ANTRAM, D. *Ancient Greek Town*. Metropolis Series. Danbury, Franklin Watts/Children's Press, 1999. pp. 2-3.
- p. 15 - DI STEFANO, G., VENTURA, G. (Org.). *Il museo archeologico di Camarina*. Guida. Ragusa, Tipografia Barone & Bella, 2012. p. 50/ CAMP, J. *The Archaeology of Athens*. New Haven; London, Yale University Press, 2001. p. 56.
- p. 16 - CHRISTOPOULOU, V. *The ancient Agora of Athens: the Areopagus*. Athens: Archaeological Receipts Fund Publications Department, 2011. p. 52/ CAMP, J. *The Athenian Agora: excavations in the heart of classical Athens*. New York, Thames and Hudson, 1986. p. 201.
- p. 17 - LABECA, Foto Acervo Labeca/ LABECA, Foto Acervo Labeca. Fotografia de painel de sítio.
- p. 18 - CONNOLLY, P. e DODGE, H. *The Ancient City: life in classical Athens & Rome*. Oxford, Oxford University Press, 1998. pp. 100-101.
- p. 19 - CHRISTOPOULOU, V. *The ancient Agora of Athens: the Areopagus*. Athens: Archaeological Receipts Fund Publications Department, 2011. pp. 13 e 63.
- p. 20 - DI STEFANO, G., VENTURA, G. (Org.). *Il museo archeologico di Camarina*. Guida. Ragusa, Tipografia Barone & Bella, 2012. p. 67.
- p. 21 - LABECA, Foto Acervo Labeca. Museu do Pireu.
- p. 23 - MERTENS, D. *Città e monumenti dei Greci d'Occidente*. Roma, L'Erma di Bretschneider, 2006. p. 333.
- p. 24 - LABECA, Foto Acervo Labeca. Maquete no Museu Arqueológico de Camarina, 2014.
- p. 26 - LABECA, Foto Acervo Labeca. Maquete no Museo de Santa Maria Capua Vetere, 2015.
- p. 27 - DE CARO, S. e GIALANELLA, C. "Novita pitecusane. L'Insediamento di Punta Chiarito a Forio d'Ischia", In: BATS, M. e D'AGOSTINO, B. (eds.); *Euboica. L'Eubea e la presenza euboica in Calcidica e in Occidente*. Napoli, AION ArchStAnt, 12, 1998. p. 342.
- p. 28 - CHRISTOPOULOU, V. *The ancient Agora of Athens: the Areopagus*. Athens: Archaeological Receipts Fund Publications Department, 2011. pp. 13 e 63.
- p. 29 - CONNOLLY, P. e DODGE, H. *The Ancient City: life in classical Athens & Rome*. Oxford, Oxford University Press, 1998. p. 48.
- p. 30 - CALÌA, S. *Selinunte. La città antica - V sec. a.C.* Marsala, La Medusa Editrice. 2001. p. 1.

- p. 31 - CONNOLLY, P. e DODGE, H. *The Ancient City: life in classical Athens & Rome*. Oxford, Oxford University Press, 1998. p. 54.
- p. 33 - CARRATELLI, G.P. (Ed.). *The Greek world: art and civilization in Magna Graecia and Sicily*. New York, Rizzoli, 1996. Desenho, Boggio, p. 359/ LABECA, Foto Acervo Labeca. Painel no sítio de Morgantina com reconstituição do grande forno, séculos II-I a.C.
- p. 34 - CONNOLLY, P. e DODGE, H. *The Ancient City: life in classical Athens & Rome*. Oxford, Oxford University Press, 1998. p. 15.
- p. 36 - LABECA; Foto acervo Labeca. LABECA; Foto Acervo Labeca. Boca de poço no sítio arqueológico de Akrai, Sicília.
- p. 37 - ANTONIOU, G. *et alii*. "Water Cistern System in Greece from Minoan to Hellenistic Periods". In: *International Symposium on Water and Waste-water Technologies in Ancient Civilizations*. Iraklio, Greece, 28-30 oct., 2006. p. 460.
- p. 40 - Emporia. Poster do Museu de Arqueologia da Catalunha, 2012.
- p. 42 - MALAM, J. e ANTRAM, D. *Ancient Greek Town*. Metropolis Series. Danbury, Franklin Watts/Children's Press, 1999. p. 3.
- p. 43 - LENTINI, M. C. (ed.). *Naxos di Sicilia: l'abitato coloniale e l'arsenale navale: scavi 2003-2006*. Messina, Sicania, 2009. p. 83./ CONNOLLY, P e DODGE, H. *The Ancient City: life in classical Athens & Rome*. Oxford, Oxford University Press, 1988. p. 19.
- p. 44 - IANELLI, M.T. *I volti della città: Hipponion, Monsleonis, Vibo Valentia*. Reggio Calabria, Laruffa Editore, 2014. p. 47.
- p. 45 - CAMP, J. *The archaeology of Athens*. New Haven; London, Yale University Press, 2001. p. 143.
- p. 47 - IANELLI, M.T. *I volti della città: Hipponion, Monsleonis, Vibo Valentia*. Reggio Calabria, Laruffa Editore, 2014. p. 117.
- p. 48 - CAMP, J. *The Archaeology of Athens*. New Haven; London, Yale University Press, 2001. p. 307.
- p. 49 - CALÌA, S. *Selinunte. La città antica - V séc. a.C.* Marsala, La Medusa Editrice, 2001. pp. 4-5.
- p. 50 - CAMP, J. *The Archaeology of Athens*. New Haven; London, Yale University Press, 2001. p. 209./ CARTER, J. *La Scoperta del territorio rurale greco di Metaponto*. Venosa, Osanna Edizioni, 2008. p. 123.
- p. 51 - LABECA, Foto Acervo Labeca/ LONGO, F. *Poseidonia Paestum: La visita della città*. Paestum, La Città e il Museo. Paestum, Ingegneria per la Cultura, 2002.
- p. 52 - LABECA, Foto Acervo Labeca.
- p. 54 - Sepultura de cremação em urna. Museu Arqueológico de Milão./ Sepultura de cremação em ânfora. Museu Arqueológico de Milão.
- p. 55 - Sepultura de cremação em caixas de lajes. Museu Arqueológico de Milão./ Sepultura de inumação em ânfora. Museu Arqueológico de Milão.
- p. 56 - Sepultura em fossa nua. Museu Arqueológico de Milão./ Sepultura em caixão de madeira. Museu Arqueológico de Milão./ Sepultura em caixão de madeira. Museu Arqueológico de Milão./ Sepultura em cista de tijolos. Museu Arqueológico de Milão.
- p. 57 - Sepultura de inumação "alla cappuccina". Museu Arqueológico de Milão./ Sepultura de inumação com cobertura "alla cappuccina". Museu Arqueológico de Milão./ Túmulo de inumação em caixa de lajes. Museu Arqueológico de Milão.
- p. 58 - Sepultura em sarcófago. Museu Arqueológico de Milão./ Sarcófago. Museu Arqueológico de Milão.
- P. 59 - LABECA; Foto Acervo Labeca. Túmulo com marcador de mármore do sítio arqueológico do Cerâmico de Atenas.

Bibliografia adicional:

Além do site do Labeca em www.labeca.mae.usp.br pode-se consultar especificamente:

ABRAMO, M, C, C. *Estruturas portuárias nas apoikias gregas da Magna Grécia e Sicília entre os séculos VIII e V a.C.: a relação entre porto e malha urbana*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Labeca-MAE/USP.

ARVANITIS, N. *I tiranni e le acque. Infrastrutture idrauliche e potere nella Grecia del tardo arcaísmo*. Bologna, d.u.press, 2008.

MARTIN, R. *L'Urbanisme dans la Grèce Antique*. Paris, A e J Picard, 1956.

SANIDAS, G.M. “La question des activités “a nuisance” dans les villes grecques: intra ou extramuros?”. in: P. Darcque, R. Etienne e A.M. Guimier-Sorbets. *Proasteion. Recherches sur le periurbain dans le monde grec*. Travaux de la Maison René Ginouvès, 17. Paris, Bocard, 2013. pp. 173-191.

UGUZZONI, A., GHINATTI, F. *Le Tavole Greche di Eraclea*. Roma, L' Erma di Bretschneider, 1968.



Universidade de São Paulo



Museu de Arqueologia e Etnologia

